

ARTE EM REPRODUÇÃO ELETRÔNICA

PREÇO INTERMEDIÁRIO COM PERFORMANCE DE CAIXA TOP

CAIXAS ACÚSTICAS DYNAUDIO EVOKE 50

E MAIS

TESTES DE ÁUDIO

PEDESTAL DE CAIXA MAGIS AUDIO
CABOS NORDOST HEIMDALL 2
DE CAIXA E RCA

OPINIÃO

DIFERENÇAS AUDITIVAS ANULAM O
CERTO E O ERRADO NO AJUSTE DE
UM SISTEMA DE ÁUDIO?

DISCOS DO MÊS

TRÊS DISCOS PARA O SÉCULO 21

UM ESTADO DA ARTE DE PREÇO VIÁVEL

AMPLIFICADOR CAMBRIDGE AUDIO EDGE W



MUSICIAN: HEITOR VILLA-LOBOS -
A ALMA BRASILEIRA - VOL. 16



The Creative Life

SEMP TCL
PATROCINADORA OFICIAL



TALENT MARCEL



PURA
DEFINIÇÃO
EM IMAGEM.

ANDROID TV TCL X10S 8K 75"

Tatiana
TATIANA WESTON-WEBB

Gabriel
GABRIEL MEDINA



DOLBY VISION

HDR+

Mini LED

DOLBY ATMOS

ONKYO

ÍNDICE



CAIXAS ACÚSTICAS DYNAUDIO EVOKE 50

24



EDITORIAL 4

Musicoterapia - uma ferramenta importante para o bem estar do paciente



NOVIDADES 6

Grandes novidades das principais marcas do mercado



HI-END PELO MUNDO 8

Novidades



ENTREVISTA 10

Krucis Khan, sitarista



OPINIÃO 12

Diferenças auditivas anulam o certo e o errado no ajuste de um sistema de áudio?



DISCOS DO MÊS 22

Três discos para o século 21



TESTES DE ÁUDIO

24

Caixas acústicas
Dynaudio Evoke 50



32



40



46



TESTES DE ÁUDIO

32

Amplificador Cambridge Audio
Edge W

40

Pedestal de caixa Magis Audio

46

Cabos Nordost Heimdall 2 de
Caixa e RCA



DESTAQUES DO MÊS - MUSICIAN

Bibliografia: Villa-Lobos e a 'Alma Brasileira'

52

Bibliografia: Heitor Villa-Lobos -
a Alma Brasileira

58

Discografia - Heitor Villa-Lobos
a Alma Brasileira - Vol. 16

62



ESPAÇO ABERTO 66

Uma obra prima!



VENDAS E TROCAS 70

Excelentes oportunidades
de negócios



XX

Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

MUSICOTERAPIA - UMA FERRAMENTA IMPORTANTE PARA O BEM ESTAR DO PACIENTE

Já escrevi diversos artigos referente à importância da musicoterapia para alívio de ansiedade, stress pós-operatório, síndrome de pânico e para o alívio da dor. O querido amigo e leitor, o Doutor Ribamar Azevedo, sabendo do meu interesse sobre este assunto, me enviou um vídeo com o tema: "Musicoterapia em pacientes com câncer", apresentado por Silvia Klavin e Gabriel Pinheiro, ambos fisioterapeutas que descrevem os benefícios da musicoterapia para os pacientes com câncer. Chamam a atenção as melhoras referentes à ansiedade e a diminuição da dor. O vídeo, para quem possa interessar, está no rodapé deste editorial e vale a pena assistir, pois ainda que a Musicoterapia esteja em evidência desde os anos 1970, muitos ainda duvidam dos seus benefícios na vida de pacientes e de pessoas que apenas procuram uma forma de se reequilibrar frente às tensões do dia a dia. Sempre defendi a ideia de que a música traz benefícios semelhantes à meditação para o homem ocidental - desde que ele aprenda a ouvir e não apenas escutar. Para entender melhor esta questão entre ouvir e escutar, leia nesta edição a Seção Opinião. Fora o fato de que ouvir música a longo prazo traz inúmeros benefícios ao nosso cérebro, como provam os mais recentes estudos da neurociência. E saber que a musicoterapia pode ajudar um paciente com câncer a enfrentar o tratamento com menor sofrimento, nos coloca em uma situação de podermos estar mais presentes e ativos em um momento de tanta dificuldade, e que nem sempre as palavras e o apoio trazem paz e serenidade para quem está necessitado.

Nesta edição, temos a estreia da nova edição do Discos do Mês, agora sob responsabilidade do articulista Christian Pruks, que dará dicas de gravações que se destacam tanto pela qualidade artística, como pela qualidade técnica. Esta foi uma seção por muitos anos escrita por mim. E uma das seções mais lidas e comentadas da revista. Mostramos, ao longo de todos esses anos, mais de 500 excelentes gravações! Desejamos vida longa ao retorno desta seção, e que o Christian descubra centenas de 'pérolas musicais' para todos os gostos de nossos leitores.

E, finalmente, nosso novo site está indo ao ar com esta nova edição! Espero receber um feedback de todos vocês, pois as mudanças foram bastante significativas e abrangentes. No antigo site, a única forma de visualização da revista era através do download.

Agora, além desta forma, há mais duas maneiras de acessar o novo site. A primeira delas, é a separação de cada edição por cadernos, cada um em seu bloco. Além de contar com o acesso direto dos vídeos do YouTube ou a audição de amostras de áudio do caderno Musician ou de algum CD retratado na seção. A segunda opção, é um visualizador de PDF dentro do próprio site, onde você leitor terá a opção de folhear toda a edição sem precisar efetuar download da mesma. E, por fim, o sistema de busca, onde o leitor poderá encontrar, através de palavras-chave, nomes dos produtos e o assunto técnico que procura em cada edição. O website poderá ser visualizado de qualquer plataforma de navegação, seja pelo computador, celular ou tablet.

Às vezes os leitores e parceiros comerciais nos cobram maior agilidade e ajustes às modernidades tecnológicas que vão surgindo. Reconheço minha falta de rapidez em atender a todas essas cobranças. No entanto, todos que nos lêem e nos acompanham há mais de duas décadas, sabe que só avançamos ou realizamos mudanças quando estamos aptos a realizar algo que realmente tenha algum diferencial em relação ao patamar que nos encontrávamos anteriormente. Foi assim com a criação de nossa Metodologia, Cursos de Percepção Auditiva, gravações da Cavi Records, linha editorial, etc. Pois preservamos nossas conquistas e buscamos sempre aprimorar apenas o que deve ser alterado.

Espero que todos vocês apreciem nossos esforços e manifestem suas opiniões. Pois sem vocês, nada disto faria o menor sentido! ■



O PRODUTO ESTADO DA ARTE SUÍÇO

mais cobiçado pelos audiófilos.



CLASSIC PREAMP



CLASSIC DAC



CLASSIC AMP



CLASSIC INT

Fundada em 1951, a NAGRA é a empresa suíça de áudio hi-end mais respeitada e admirada neste segmento. Seus produtos são feitos à mão, por profissionais altamente gabaritados e contruídos para durar por décadas. Ter um NAGRA é a realização de todos que amam ouvir música da melhor maneira possível. E AGORA VOCÊ PODERÁ REALIZAR ESTE SONHO!!

NAGRA

Veja os vídeos e entenda a paixão mundial pela NAGRA.



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

comercial@germanaudio.com.br - contato@germanaudio.com.br

german
Audio

www.germanaudio.com.br



CONFIRA QUATRO BENEFÍCIOS PRESENTES NA NOVA TV SAMSUNG UHD 4K RU7100



Recursos facilitam o dia a dia do usuário e proporcionam maior imersão no conteúdo

Para quem busca comprar sua primeira TV 4K ou trocar de TV, o modelo com melhor custo benefício da Samsung, líder global do mercado de televisores há 13 anos, é a RU7100. Este televisor é a porta de entrada para o universo dos 8 milhões de pixels de resolução que uma 4K oferece. Com tamanhos que vão de 43 a 75 polegadas, os aparelhos trazem novas características para tornar a experiência de assistir TV mais prazerosa. Fizemos um apanhado dos quatro diferenciais que, juntos, #SóASamsungTem desde a RU7100 e que se estendem por todo portfólio. Confira:

Controle Remoto Único

Ter diversos dispositivos em casa, como videogame, decoder de TV a cabo, soundbar e leitor de Blu-ray é muito bom e comum, mas para resolver o problema dos diversos controles destes dispositivos espalhados pela sala, a Samsung RU7100 permite que diversos desses aparelhos conectados ao televisor possam ser comandados apenas pelo controle da TV, facilitando o dia a dia e a organização da sua casa.

Bluetooth integrado

Aqui mais uma novidade presente na categoria de TVs 4K de entrada da Samsung. A partir de agora, é possível conectar dispositivos sem fio ao televisor, como soundbars, caixas de som portátil, fones de ouvido e outros. Seja para turbinar a potência de uma música ou filme, estar imerso em seu jogo favorito ou até navegar pela internet, a RU7100 será uma grande aliada na conectividade sem fio.

Design com cabos escondidos

Para os consumidores que prezam por organização e ficam aflitos com todos os cabos dos dispositivos conectados à TV espalhados no

móvel da sala, a Samsung RU7100 oferece uma solução prática, com canaletas atrás da TV para passar os fios e presilhas que os prendem nos pés, possibilitando um ambiente mais clean, sem fios à mostra. Além disso, o bom acabamento, com bordas e espessura finas fazem do televisor um modelo elegante e completo para combinar com o ambiente.

4K de verdade

E além de todos esses benefícios exclusivos, a RU7100 e toda linha de TVs da Samsung possuem painéis com o padrão RGB de cores certificado internacionalmente, que entrega maior nitidez das imagens e fidelidade de cores, sem o subpixel branco. E com tamanha resolução, o consumidor ainda tem a oportunidade de ter um modelo de tela grande, mesmo em ambientes com pequenas dimensões, potencializando uma experiência de cinema: a apenas 3 m de distância entre a TV e o sofá, é possível aproveitar o melhor da imagem da RU7100 75", por exemplo.

"Disponível em variados tamanhos, a UHD 4K RU7100 é a TV perfeita para quem está procurando um modelo 4K com recursos inteligentes, qualidade de imagem excelente e quer um produto que cabe no orçamento", afirma Erico Traldi, Diretor de produto das áreas de TV e Áudio e Vídeo da Samsung Brasil. ■

Para mais informações:
Samsung
www.samsung.com.br

DYNAUDIO

EVOKE

é para ser ouvida na sala de estar. Nas salas de cinema em sua casa. Nas salas de audição. É o Hi-Fi de qualidade para todos os ambientes.



Esta nova gama de falantes utiliza tecnologia avançada diretamente dos nossos produtos topo de linha, incluindo acabamento, tecnologia de condução e design. Isso significa que cada um dos cinco modelos Evoke pode vibrar com você, crescer com você e ficar com você de qualquer forma que você escute.



(11) 3582-3994
contato@impel.com.br

impel.
com.br

DISTRIBUIDORA OFICIAL DYNAUDIO NO BRASIL



HI-END PELO MUNDO



CÁPSULA SETO-HORI DA JICO

A JICO, uma empresa japonesa que fabrica agulhas de reposição de altíssima qualidade para uma infinidade de modelos de cápsulas para toca-discos, acaba de lançar seu primeiro modelo de cápsula Moving Coil (MC) de saída alta. A Seto-Hori é feita à mão com um corpo de uma cerâmica japonesa chamada Setomono, produzida com técnicas milenares, que suprime a vibração da bobina da cápsula. A Seto-Mori vem equipada com um cantilever de bóro e um diamante com perfil multifacetado Micro-Ridge, e sua etiqueta de preço é de US\$ 999, no Japão. ■

www.jico-stylus.com

FIDELICE PRECISION DAC DA RUPERT NEVE

A Rupert Neve, um tradicional fabricante de equipamentos para estúdios de gravação de alta qualidade, acaba de lançar a linha Fidelice de equipamentos para audio de casa com o DAC modelo Precision, cujos estágios analógicos são puro Classe-A, e com circuitos XLR baseados em transformador similares aos de equipamentos de estúdio. O Precision, que vem com um amplificador de fones de ouvido, trabalha com formatos digitais PCM 24-bit / 384 kHz e DSD512, usando chipset AKM. Os preços da linha Fidelice ainda não foram divulgados. ■

www.fidelize.com



NOVO PRÉ-AMPLIFICADOR ESSENCE DA GRYPHON AUDIO

A empresa dinamarquesa Gryphon acaba de lançar seu pré-amplificador de linha modelo Essence, que usa circuitos puro Classe-A (com seleção no menu para bias 50, 75 ou 100% Classe-A) em um design dual-mono totalmente balanceado, com circuito de volume de precisão, com entradas RCA e XLR, saída pré XLR e saída RCA para subwoofer, e a possibilidade de instalação de uma placa de upgrade com pré de phono MM/MC ou um DAC 32-bit / 384 kHz. O preço do pré-amplificador de linha Gryphon Essence é de 12.800 Euros, na Europa. ■

www.gryphon-audio.dk





OSWALDS MILL AUDIO LANÇA A MONARCH V.2

Sediada no Brooklyn, em Nova York, e com sua fábrica em um antigo moinho restaurado na Pensilvânia, a Oswalds Mill Audio, também conhecida como OMA, acaba de lançar a versão 2 de uma de suas célebres caixas tipo corneta, a Monarch - cujo nome, espelhando a forma, vem da bela Borboleta-Monarca. A Monarch v.2 traz uma nova corneta cônica com um novo driver de compressão, e o baffle 'borboleta' da foto ao lado é feito de Nogueira Americana recuperada. O preço da nova versão das OMA Monarch ainda não foi divulgado. ■

www.oswaldsmillaudio.com

CAIXAS ATIVAS B1 DA CONCRETE AUDIO

Sediada em Weimar, a fabricante alemã de caixas acústicas Concrete Audio lançou as bookshelves ativas modelo B1, que têm grande semelhança visual com as suíças W5 da Boenicke Audio. As B1, porém, são caixas totalmente ativas, com um DSP 56-bit, conversores internos 24-bit, entrada analógica 3.5 mm, saída analógica para sub, e conexão Bluetooth 3.0. O maior diferencial das B1, no entanto, é seu gabinete suspensão acústica feito em concreto, que resulta em um peso de 18 kg cada. O preço do par de B1 é de 3.490 Euros, na Europa. ■

www.concrete-audio.com



NOVO DAC DS-10 DA GOLD NOTE

A italiana Gold Note acaba de apresentar seu DAC modelo DS-10, uma solução completa capaz de converter até 32-bit / 384 kHz, que vem com um amplificador de fones de ouvido dedicado com sensibilidade selecionável (podendo empurrar praticamente qualquer fone de ouvido do mercado), além de um circuito dedicado de pré-amplificador de linha com saídas RCA e XLR. Como streamer, o DS-10 é compatível com Roon, Tidal, Qobuz, Airplay, Spotify, Deezer e V-Tuner, convertendo PCM, DSD e MQA. O preço do DAC DS-10 é de 2.495 Euros, na Europa. ■

www.goldnote.it

KRUCIS KHAN, SITARISTA

XX Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br



Krucis Khan

Discípulo de Ustad Aashish Khan - que é filho de Ustad Ali Akbar Khan, neto de Ustad Alaudin Khan e sobrinho de Pandit Ravi Shankar - Krucis Khan desde 1982 dedica-se aos estudos do sitar e do canto dos harmônicos da voz da tradição Sufi. Em 1992, fundou o grupo Sangeet, com a cantora Ratnabali Adhikari, sendo o primeiro a divulgar a música clássica e folclórica da Índia no Brasil. Em 1997, por ocasião do 50º Aniversário da Independência

da Índia, foi homenageado pelo Governo Indiano por seu talento e pelo trabalho de divulgação da música clássica indiana no Brasil. Krucis Khan apresenta-se em teatros, centros teosóficos, SESCOs, Instituto Moreira Salles, centros de yoga, igrejas, spas, escolas de música e outras instituições por várias cidades brasileiras com recitais, workshops e vivências. Participou, em parceria com a cantora Meeta Ravindra, do lançamento do livro GHANDI -

Autobiografia, no SESC Pompéia em São Paulo e do evento Yoga sem Fronteiras, no Rio de Janeiro, entre outros. Participou do Yoga pela Paz por três anos consecutivos, do projeto Índia Brasil Mangalam, dos Festivais Internacionais de Trovadores e Repentistas em Quixadá e em Quixeramobim no Ceará, do Projeto Música Inteligente no Teatro Frei Caneca em São Paulo, a convite do Maestro Júlio Medaglia, com participação do guitarrista Andréas Kisser do grupo Sepultura, e do encerramento da Teia da Paz, em Curitiba, durante a visita de Sua Santidade, o Dalai Lama, entre outros eventos. É convidado a tocar junto com músicos de rock, MPB e world music, como Sergio Dias Baptista dos Mutantes, Heraldo do Monte do Quarteto Novo, Andréas Kisser do Sepultura, Patrulha do Espaço, Tutti Frutti, entre vários outros.

Em 2012 e 2013, Krucis Khan realizou apresentações em residências e centros de yoga na cidade de Montreal, no Canadá, tais como Transformation Yoga, Sattwa Yoga Shala - Yoga With Live Music, Lulu Lemon Meeting, Diwali - Festival das Luzes da Comunidade Hindu de Bangladesh em Montreal, Centre Yoga Plus, Festival Internacional de Dança de Contato, Equilibrium Yoga (com o cantor Stephane Boisjoli e com o tablista Olivier St. Pierre) e Sivananda Yoga Center - parceria com Reseau Vox Populi TV Montreal. Ainda em Montreal, realizou concertos no restaurante indiano Tabla e no centro sufi Naqshband, com a cantora e alaudista Shams Al-Habib e o percussionista Kattam. Em 2013, com a terapeuta Mara Cristina Greselle, fez o Workshop de Massagem Thai ao Som do Sitar, na Comunidade Monte Crista, em Garuva, Santa Catarina, e participou da apresentação Índia-Brasil no Centro Cultural Indiano de São Paulo e do Festival de Inverno Doce Vale, ambos em parceria com o tablista Edgard Silva.

Como começou seu contato e descobrimento da música?

O contato com a música começou na minha infância, ouvindo rádio em ondas curtas onde captava música indiana, árabe e até canto gregoriano.

Quando e como você soube que iria ser músico profissional?

Comecei, em 1998, a me dedicar profissionalmente à música clássica indiana.

Fale-nos sobre como foram seus estudos formais e informais de música, de sua formação como artista.

Estudei por dois anos na Fundação das Artes em São Caetano do Sul. O estudo de música começou com a música clássica indiana.

Como se dá seu trânsito e sua convivência com vários gêneros musicais, desde o clássico e a música brasileira até o rock?

Recebi bastante influência do rock, do canto gregoriano, da música clássica ocidental, da música brasileira e, especialmente, das que são ligadas a raízes e temas folclóricos.

Fale-nos um pouco sobre o trabalho que você tem desenvolvido em Montreal, no Canadá.

Em Montreal pude viver a experiência de tocar com músicos de várias partes do planeta e com outros músicos que se dedicam aos estudos da música clássica indiana.

Gravar é mais importante do que apresentar-se ao vivo? Qual realiza melhor o processo criativo do músico?

As duas versões têm a sua importância. No estúdio, podemos concretizar ideias e deixá-las de um modo estático. No palco, podemos desenvolver mais as ideias que foram gravadas nos CDs, tornando a música mais viva.

Conte-nos sobre essa profunda ligação entre música, religião e cultura da Índia.

Lá, a música e a espiritualidade caminham de mãos dadas. Com a espiritualidade pode-se entender mais a cultura ancestral que permeia essa música maravilhosa.

Fale-nos um pouco sobre o sitar, a música clássica indiana e o raga.

O sitar é um instrumento do século XIII concebido, de acordo com a história, por Amir Khursro, um poeta hindo-persa pertencente à corte do Imperador Allaudin Kilji. É um instrumento que ainda está em fase de transformação. Raga é o nome que se dá a cada peça musical da música clássica indiana. A palavra raga significa 'cor' ou 'emoção'. Ao interpretarmos um raga, estamos trabalhando também o nosso campo emocional, mexendo com a nossa natureza interna, bem como a natureza ao nosso redor, já que essas peças são tocadas e interpretadas em diferentes partes do dia e da noite, das estações do ano, do clima, do humor do intérprete etc. Tocar um raga fora do horário destinado é como fazer uma oração sem apelo.

Quem são seus ídolos e inspirações no mundo da música e fora dele?

Meus ídolos e inspirações no mundo da música são o meu guru Ustad Aashish Khan, Pandit Ravi Shankar, Baba Alaudin Khan, Ustad Ali Akbar Khan, Pink Floyd, George Harrison, Jackson do Pandeiro, Patativa do Assaré, Luiz Gonzaga, Zakir Hussain, Moody Blues, o grupo Oregon e o grupo maior de fusão: Shakti. Fora dele, me inspiro nas pessoas que influenciaram o mundo da música e, algumas delas, que possuem um trabalho social, que auxiliam outras pessoas necessitadas, como vítimas de guerra e outras.

Como o Krucis Khan vê o seu futuro?

O futuro é formado pelo meu presente: se estou atuando bem e com boas intenções hoje, agindo com atenção, o futuro será promissor. O que eu vibro hoje repercutirá no amanhã. Somos o que fomos e seremos o que somos. ■



DIFERENÇAS AUDITIVAS ANULAM O CERTO E O ERRADO NO AJUSTE DE UM SISTEMA DE ÁUDIO?

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Esta é uma discussão antiga que, para aqueles que defendem que nenhum indivíduo escuta igual ao outro, buscar o sistema de áudio correto e de maior fidelidade é pura perda de tempo! Alguns chegam a propor a compensação dos desvios auditivos individuais equalizando o sistema para compensar esses desvios.

Para esses defensores do ajuste pessoal, a possibilidade de se compartilhar audições em grupos só seriam possíveis se o sistema tiver a possibilidade de mais de um ajuste para cada participante da audição coletiva. Caso contrário, os que não tiverem a 'sorte' de ter sua curva de resposta adequada, ficarão a ver navios! Ou escutarão com a curva de resposta do amigo ao lado. Parece absurdo, mas acreditem, existem defensores para tal ideia.

Precisamos separar o joio do trigo, amigo leitor, pois gosto é algo subjetivo, mas defender ideias - como se tivessem embasamento científico - para gosto pessoal, aí já se trata de desconhecimento do tema ou total má-fé.

O articulista Jimmy Hughes, muitos anos atrás, quando era colaborador da Hi-Fi Choice, escreveu um artigo em que ele descrevia como solucionou um dilema em sua sala, com sua caixa acústica de referência, que segundo ele tinha os agudos muito projetados. Ele gostava do resto todo se sua caixa, menos os seus agudos. Em vez de trocar de caixa, o que ele fez? Virou as caixas para a parede, deixando-as de costa para o ouvinte. E ficou ouvindo a reflexão da caixa na parede e não mais o som direto.

Meu pai tinha um cliente um advogado criminalista que adorava ópera, e gostava de ouvir bem alto suas óperas preferidas. Mas as cantoras (somente elas), agrediam demasiadamente seus ouvidos. Sua solução: fazer as audições da sala ao lado.

Estes dois exemplos eu coloco no pacote de soluções bizarras, e todo audiôfilo deve conhecer alguma dessas histórias para contar nas rodas de amigos.

Duas áreas que avançaram muito nos últimos anos, no campo da neurociência, foram a neuroplasticidade do sistema nervoso e a neuropsicologia que estuda as habilidades cognitivas. A primeira estuda a forma com que o nosso cérebro se adapta ao meio ambiente, sendo que a Plasticidade Auditiva possui hoje mais de 100 estudos publicados nos principais meios de comunicação científicos, e a segunda (a que mais me atrai) estuda a percepção auditiva e a capacidade de discernir entre escutar e ouvir.

Não é à toa que nossos cursos tem o nome de Percepção Auditiva, e toda base da metodologia foi baseada nos seguintes tópicos: recepção da informação, transmissão da informação, manipulação da informação e características acústicas em um ambiente tratado para audição musical.

Antes de falar sobre essas duas áreas de estudo, quero deixar claro que não discuto que cada indivíduo nasça com sua percepção auditiva distinta de outro indivíduo. Mas que, assim como todas as sentidos, a audição pode e deve ser aprimorada. E tocar um instrumento ou ouvir música (não apenas escutar), aumentam exponencialmente sua percepção auditiva e sua memória auditiva. E os resultados benéficos vão muito além do que aqui será discutido.

O QUE VÊM A SER A NEUROPLASTICIDADE?

É a capacidade do sistema nervoso se adaptar a diferentes estímulos. O termo Neuroplasticidade foi derivado do grego 'Plastikos', que significa moldado. O primeiro a utilizar este termo foi o professor William James para definir a plasticidade cerebral, e explicar a capacidade do sistema nervoso central se adaptar, tendo habilidade para modificar sua estruturação e funcionalidade.

No caso específico da Plasticidade do Sistema Auditivo, trata-se de modificações por meio do aprimoramento de células nervosas pela influência do meio ambiente, sendo mais desenvolvidos com estímulos mais complexos como a música!

Hora, o que estou tentando descrever, meu amigo leitor, com puro embasamento científico e não achismos ou testes audiométricos, é: que todos que não tiverem deficiências auditivas sérias, podem ampliar sua percepção auditiva a tal ponto de reconhecerem se um instrumento está desafinado, ou um sistema de áudio desequilibrado tonalmente.

E esta observação pode perfeitamente ser ampliada para todo um grupo de indivíduos, desde que eles tenham aprendido a ouvir e não apenas escutar (chegarei lá na diferença entre ambos).

E a Neuroplasticidade no sistema auditivo descobriu recentemente (em 2016), que este desenvolvimento auditivo se expande além do córtex, atingindo também o tronco encefálico. Esses estudos estão revolucionando a forma de tratar a surdez, com o desenvolvimento de novas técnicas cirúrgicas (nos casos em que este procedimento é possível) e no desenvolvimento de novos aparelhos para surdez.

E como se trata de um mercado em que mais de 1 bilhão de indivíduos necessitam de tratamento médico por perda de audição, o investimento em pesquisa e desenvolvimento é um dos que mais recebe verba pública e privada.

No segmento da Neuropsicologia, os avanços além de consistentes também foram significativos nas duas últimas décadas.

O QUE É A PERCEPÇÃO AUDITIVA PELA ÓTICA DA NEUROPSICOLOGIA?

É a capacidade do indivíduo interpretar informações que os sentidos recebem do ambiente. E esta interpretação é um processo ativo que depende dos nossos processos cognitivos e conhecimentos prévios.

A percepção auditiva pode ser definida como a capacidade para receber e interpretar informações que chegam aos ouvidos através das ondas de frequência transmitidas pelo ar. No caso específico da música, a capacidade que o indivíduo tem de manter uma percepção que a neurociência chama de estado de vigília, é essencial para se ouvir o acontecimento musical e não apenas escutar.

Os seja, sem este estado de vigília em que o sistema auditivo e o cérebro estão 'presentes', você não está ouvindo e sim apenas escutando. A percepção auditiva treinada irá fazê-lo reconhecer e entender os sons!

Então, para a neuropsicologia do estudo da Percepção Auditiva, não é possível mais separar o sistema auditivo do cérebro auditivo. E quando alguns defendem teses absurdas, como uma curva ideal de audição para cada indivíduo, ele ainda está a raciocinar como se a audição fosse apenas nosso sistema auditivo (orelhas, tímpanos, etc).

É o cérebro auditivo que recebe as informações enviadas da cóclea, e ele que fica encarregado de interpretar e elaborar respostas àqueles estímulos conscientemente, depois fazendo a memorização daquela informação sonora para futuras percepções.

Portanto, a nossa percepção auditiva depende essencialmente do nosso estado de vigília. As fibras do nervo auditivo transmitem ao cérebro as mensagens codificadas pela cóclea. No cérebro, vários núcleos (grupos de neurônios) recebem esta mensagem e a decodificam (sons fortes, fracos, agudos, graves, localização espacial, etc) e finalmente nos criam uma sensação do que foi codificado.

O mais incrível da anatomia do cérebro auditivo é sua capacidade de controlar o funcionamento da cóclea, utilizando canais "paralelos ou vias de retorno". Um exemplo desta capacidade é conseguirmos focar em uma conversa individual mesmo em um ambiente com múltiplos estímulos mais fortes. Ou reconhecer em um parque os diversos cantos de pássaros distintos, ou uma nota de um triângulo no meio da orquestra!



Quando nos focamos no quesito Percepção Musical, a neurociência também está a fazer inúmeras descobertas que certamente mudarão a forma de ouvirmos música.

No livro *Alucinações Musicais: Relatos Sobre a Música e o Cérebro*, de Oliver Sacks (Editora Companhia das Letras), o autor fala do ouvido absoluto e nos narra diversos episódios como do entomologista finlandês Olavi Sotavalta, especialista em sons de vôo de insetos, que utilizava seu ouvido absoluto em seus estudos para descobrir os insetos pelo tom do som produzido pelo mesmo na frequência de batidas de suas asas. Ele chegava ao requinte de falar aos seus alunos que a Mariposa Plussia Gama tinha a frequência das asas próxima a um Fá Sustenido grave, e que sua frequência era de 46 ciclos por segundo!

Apenas uma em cada 10 mil pessoas possuem ouvido absoluto, e este certamente não é o caso da maioria dos nossos leitores, mas o que podemos perceber claramente é que nossa audição pode ser treinada ao ponto de ouvirmos com eficiência as diferenças de frequência, ritmo, tempo, etc. Basta entendermos e estimularmos o nosso sistema auditivo e termos referências seguras do que precisamos buscar naquilo que ouvimos.

E todos que tenham interesse e nenhuma deficiência auditiva grave, estão aptos a desenvolver sua capacidade auditiva plena (chamo de auditiva plena o conjunto do sistema auditivo e o cérebro auditivo).

O que os defensores dos ajustes individuais dos sistemas para cada ouvinte esquecem é que, para tal argumentação ser plausível, as diferenças teriam que ser estratosféricas, e não são.

As diferenças de curvas de resposta (em indivíduos sem deficiência grave) são ridículas e não podem se basear em teste audiométrico para se determinar essa diferença entre dois indivíduos. Pois se o cérebro auditivo possui a plasticidade para se adaptar e aprimorar, ambos podem ser preparados para ouvirem e interpretarem o mesmo acontecimento musical.

ALGUÉM DUVIDA?

Certamente você já ouviu ou leu à respeito da frequência 440 Hz certo? O que é exatamente? Em 1953 a International Standards Organization (ISO) tornou os 440 Hz a afinação padrão para os instrumentos musicais do ocidente. Os 440 Hz correspondem ao número de 'vibrações a cada segundo' da nota Lá.

Mas como vivemos desde os tempos da Guerra Fria um clima de conspiração mundial, em algum momento, no auge da New Age (lembram?), surgiu a teoria (sempre uma teoria) de que a frequência de 440 Hz foi instituída em 1953 por uma organização secreta que impôs ao mundo esta afinação com o objetivo subliminar de alimentar o caos, a desordem e o desequilíbrio dos chakras, transformando as pessoas em violentas e cegas para a evolução. E que deveríamos voltar a compor todas as músicas e tocar todas as obras já feitas pelo homem em qualquer era, em 432 Hz, que segundo os esotéricos é a "frequência do planeta Terra", blá,blá,blá...

Os defensores afirmam que, na Idade Média, os músicos usavam essa frequência para afinarem seus instrumentos, que estimulavam o desenvolvimento espiritual humano (como se a Idade Média não tivesse sido uma era de trevas).

Pois bem, os defensores (que são muitos) da afinação na frequência 432 Hz, resolveram tentar provar sua teoria e pegaram uma série de canções populares de diversas nacionalidades e re-fizeram a afinação de 440 Hz para 432 Hz. Alguns devem estar se perguntando: mas não desafinou? Não, o 432 Hz também é um Lá. E este Lá possui uma faixa bem ampla e vai de 415 Hz a 460 Hz, ou seja, qualquer som produzido dentro desta frequência será um Lá.



O fenômeno sonoro que ocorre ao substituir o 'Lá 440' pelo 'Lá 432' é bem interessante. Mas, antes, deixe eu explicar como percebemos as notas musicais. Todas as notas possuem uma frequência. Essa frequência é o número de vezes que as moléculas do ar ao redor do instrumento vibram em um segundo. Assim, um Lá em 432 Hz de um violão faz as moléculas pularem para cima e para baixo, para frente e para trás, quatrocentas e trinta e duas vezes em um segundo de música. Esses pulos dados pelas moléculas do ar chegam aos nossos ouvidos e são transformados em som no nosso cérebro.

Assim, pasmem senhores, Yesterday - do Paul McCartney - com a afinação em 432Hz foi percebida por todos os participantes do ensaio como se estivesse sido tocada mais relaxada, devagar, sem pressa, sem tensão, etc. Como não havia nenhum músico presente e somente pessoas leigas, ninguém se ateu à afinação, apenas à sensação de como seu cérebro notou que, em vez de 440 moléculas saltitando no ar por segundo, haviam apenas 432 moléculas.

Experiências como essa já foram feitas em inúmeros centros de estudos de psicoacústica, e existe até um site chamado "432 Hz" que fala dos benefícios da música afinada nesta frequência. Como acompanho os avanços da musicoterapia desde os anos 1970, não duvido que os benefícios para uma humanidade cada vez mais estressada sejam vitais, mas querer impor que se produza música afinada nessa frequência, aí já é radicalismo demais para o meu gosto!

Para nós, e para o objetivo deste artigo, usei este tema para mostrar que a capacidade humana de ampliar sua percepção auditiva

foi ainda muito pouco estudada. E que, independente das sutis variações auditivas de cada indivíduo, todos podem reconhecer uma afinação, ou um equilíbrio tonal correto ou não.

Sou defensor de que cada um tem o direito pleno de ouvir seu sistema plantando bananeira, de cueca, do banheiro, da forma que desejar! Pois neste caso estamos falando de gosto pessoal, aí cada um tem o seu jeito de querer escutar seu sistema. Mas querer defender sua opinião pessoal com argumentos pseudamente científicos aí, me desculpe, não dá amigo leitor. Defender que uma equalização pessoal vai lhe fazer escutar música como você nunca ouviu, cai na mesma vala dos que diziam lá atrás que gravações tecnicamente ruins não podem ser escutadas em sistemas hi-end, ou que se corrige problemas acústicos 'domando' o setup com cabos.

O que sempre escrevo serve muito bem para este tema: não existe 'almoço grátis' na audiofilia. Ou você sabe exatamente o que está fazendo ou você vai acabar, depois de muito esforço, se frustrando plenamente.

E para saber onde você deseja e almeja chegar, você precisa estar muito bem informado. Quando alguém defende esses ajustes pessoais através de equalização, sempre me pergunto se este indivíduo em algum momento se perguntou se a reprodução de música através de um sistema decente se resume apenas ao equilíbrio tonal. E se ele sabe que, por mais sofisticado que seja o seu equalizador paramétrico, ele também irá alterar as frequências em outras regiões que não precisavam ser alteradas. E se ele alguma vez observou as correlações entre equilíbrio tonal, textura, corpo harmônico e transientes.

Só para quem escuta música, o equilíbrio tonal é a única preocupação. Para quem ouve música, equilíbrio tonal é o alicerce sobre o qual todos os outros quesitos se sustentam. E quando você tem uma base frágil (equilíbrio tonal modificado por uma equalização), nada em cima desta base se sustenta.

Depois dos Terraplanistas, em breve veremos os audiófilos saudosistas defendendo a volta dos amplificadores com o botão de 'Loudness', não duvide amigo leitor, pois estamos realmente vivendo tempos muito estranhos e sombrios. ■

Bibliografia pesquisada:

Viagem ao Mundo da Audição:

<http://www.cochlea.org/po/ouco/cerebro>

Cognifit:

<https://www.cognifit.com/br/habilidade-cognitiva/percepcao-auditiva>

O Mito da Frequência de 432 Hz:

<https://platinorum.com/2016/05/20/o-mito-da-frequencia-de-432hz/>

TRÊS DISCOS PARA O SÉCULO 21



Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br

Já faz algum tempo que temos a ideia de sugerir discos - gravações interessantes tecnicamente e musicalmente - mensalmente, em todas as edições. Afinal, nem só de CDs da Metodologia vive um audiófilo.

Até pouco tempo atrás, o acesso à gravações não era dos mais fáceis, necessitando que as gravadoras disponibilizassem os CDs para divulgação, ou que nós mesmos comprássemos o que achássemos interessante.

Bom, esse cenário é pouco prático, de várias maneiras. Primeiro pela falta de disponibilidade de gravações de alta qualidade sonora no mercado nacional - onde impera o quão 'comercial' a gravação pode ser. À seguir, pela simples menor disponibilidade de CDs no mercado como um todo!

Uma maneira de divulgar bons discos é a que o Fernando Andrette faz, com artigos temáticos (como discos para avaliar textura, etc) ou com divulgação, dentro de seus artigos e testes, de gravações especiais (em qualidade de som e em musicalidade) feitas por amigos e parceiros da revista, como é o caso do novo disco do André Mehmarí em homenagem ao trabalho do músico mineiro Milton Nascimento.

Os primeiros nomes que me vieram à cabeça, para esta coluna, são: "CDs do Mês" (impraticável em um mundo onde o vinil, os downloads e o streaming convivem juntos, e o CD está chegando perto de ficar tão raro quanto o pássaro Dodô), ou "Discoteca Básica" ou "Discografia Básica" (ambos nomes fora de moda, além do fato de que audiofilia não tem nada de 'básica').

Discos do Mês - já que será uma coluna mensal - me pareceu a melhor opção, já que ainda nos referimos aos 'álbuns' como 'discos': "Você ouviu o último disco do André Mehmarí? Sensacional!", não importa se é CD, vinil, download ou streaming.

Os 'discos', aos quais nos referimos no dia a dia, podem ser encontrados, em um termo geral, em CD, em vinil, para download ou via streaming pelos vários sites usuais - sendo que o Tidal e Qobuz têm sido os mais recomendados em questão à qualidade de som.

Nesta edição semi-inaugural, trago como sugestão três discos, sendo um de jazz, um de clássico e um de world-music. O disco de jazz é na verdade jazz-blues, com toques moderninhos. O de clássico vai gerar puristas atirando o Pão de Açúcar na minha cabeça com um mega-estilingue. E o de world-music é mais rock alternativo do que 'lhamas cantantes dos Andes', rs!

Vamos à eles:



Dominique Fils-Aimé - Nameless (Ensoul Records, 2018)

Tem uma coisa que me incomoda nos lançamentos de jazz dos últimos tempos: o ser 'mais do mesmo', que resulta em banalidades. Alguns até me lembram banda cover - ou seja, soam como uma cópia falsificada de algo consagrado - e alguns jazz trios fogem disso por inserir instrumentos incomuns à essa formação, ou buscar sonoridades étnicas, ou ser diferente sendo esquisito. Eu costumo falar que para se fazer mais do mesmo é preciso ser estrondosamente bom - o que a maioria não é - ou então se põe um tempero diferente, se busca uma voz diferente, um arranjo diferente, etc. E aí se faz música interessante. ▶

Eu travei conhecimento com o disco da cantora e compositora Dominique Fils-Aimé através da comunidade internacional de reviewers e profissionais da audiofilia, na Internet, que frequentemente sugere não só discos interessantes como equipamentos e acessórios interessantes. Olhei a capa e falei: pronto, mais uma cantora de jazz, em um mundo onde o vizinho, o cunhado, o padre e o cachorro do padre todos lançam seus discos. Como o disco *Nameless* me foi sugerido pelos seus altos valores de produção, resolvi ouvir e ver qual era a da Dominique.

Nameless é o primeiro de uma trilogia que conta a história de gêneros musicais de origem africana-americana - neste caso, o blues com inspiração nas canções dos escravos, na raiz do blues. "O blues, triste, miséria. Foi uma era onde fizemos música com aquilo que conseguimos por nossas mãos: pedras, seu corpo, sua voz", diz Dominique. O segundo álbum, que eu não tive o prazer de ouvir ainda, explora mais o jazz tradicional e ascensão da figura feminina no jazz. E o terceiro disco, ainda sem data de lançamento, explorará soul, hip-hop, R&B e funk.

De poderosa voz e presença, Dominique - que trabalhava como psicóloga e via a música como um hobby - foi participante da competição *La Voix* de 2015 (versão da TV canadense do célebre programa *The Voice*) sendo eliminada na semifinal. Quando perguntada porque um projeto ambicioso de três discos temáticos em vez de se dedicar a singles comerciais, ela respondeu: "Acho que subestimamos a capacidade das pessoas de prestar atenção e se focar em mais de uma canção".

Engajada politicamente - haja visto a temática de seus discos - Dominique é canadense, natural de Montreal, maior cidade da Província de Quebec, núcleo franco-canadense, e filha de imigrantes haitianos. Suas principais inspirações são cantoras de jazz e soul como Billie Holiday, Etta James e Nina Simone. "Eu eventualmente me dei conta que eu cresci ouvindo praticamente só mulheres negras". Para ela, uma psicóloga, música é terapia, quer você toque música ou ouça música.

Nameless é um disco gravado no estúdio Opus em Montreal para o selo canadense Ensoul Records, que promove artistas locais, e tem uma boa qualidade de gravação moderna que soa grande - uma tendência mais pop do que propriamente orgânica.

Sua sólida banda de apoio inclui baixo acústico, bateria e percussão, teclados, guitarra, violino e didgeridoo - um instrumento de sopro de madeira aborígene do norte da Austrália.

Destaque para as faixas *Nameless*, *Song* e *Unstated* - que eu achei as mais interessantes!

Disponível no mercado mundial em: CD / Vinil / Streaming.

QUALIDADE DE SOM	<div><div></div><div></div><div></div><div></div><div></div></div>
MUSICALIDADE	<div><div></div><div></div><div></div><div></div><div></div></div>



Dominique Fils-Aimé



Max Richter - *Recomposed by Max Richter - Vivaldi: Four Seasons* (Deutsche Grammophon, 2012)

Atenção: Este disco não é recomendado para fãs ferrenhos de barroco! Se quiserem fazer vudu com o Christiazinho, façam o boneco menos gordo do que eu realmente sou - eu ficarei envaidecido!

Falando sério: conceitualmente é algo que faria coalhar o leite do café da manhã de muita gente. Eu mesmo ouvi por indicação de um ►

DISCOS DO MÊS

amigo (aliás, ouvi na casa dele) e fiquei surpreso e interessado - junto com um outro disco de um grupo de câmara tocando trechos famosos das óperas de Richard Wagner, ao vivo, em Veneza, acompanhados de um acordeon, disco o qual será recomendado em outra edição desta coluna.

Todas as pessoas para quem toquei esse disco acabaram achando ele um bocado interessante. Talvez até tenha se tornado uma espécie de prazer secreto de algumas delas, um disco para se tocar quando os amigos do Barroco e os puristas clássicos estão longe.

O fato que a 'recomposição de um Vivaldi' pelas mãos de Richter é muito bem tocada e muito bem gravada.

Max Richter nasceu em Hamelin, na Alemanha, em 1966, mas foi criado em Bedford, no Reino Unido, depois estudou piano e composição na Universidade de Edimburgo, na Escócia, e na Royal Academy of Music em Londres, especializando-se com o compositor experimental italiano Luciano Berio, em Florença - e essa especialização transparece e influencia bastante a obra de Richter.

Além do experimentalismo, da música contemporânea e do minimalismo - características claras em seu trabalho - Richter também seguiu Berio no uso da música eletrônica, onde é fácil um pianista passar a privilegiar e operar teclados e sintetizadores. O uso de sintetizadores fica bem claro em outros trabalhos dele, além de, principalmente, em suas trilhas sonoras.

A primeira aventura musical de Richter foi a formação de um sexteto de pianos - focado em repertório contemporâneo de nomes conhecidos como Kevin Volans, Arvo Part, Michael Nyman, Terry Riley e outros - chamado Piano Circus. Em seguida, fez uma série de participações em grupos de música eletrônica de várias vertentes - algumas que não me interessam nem um pouco - tanto na capacidade de pianista e tecladista, como na de compositor.

Os trabalhos mais 'sérios' de Richter começaram a acontecer de 2002 para cá, com trabalhos clássicos contemporâneos como *Memoryhouse*, gravado com a Filarmônica da BBC incluindo o uso de sintetizadores e o experimentalismo de vozes e sons de ambiente, além de leitura de poesia concomitante. Claro que ele tem também um bocado de modernidades que vão além do limite do esquisito, como o disco *24 Postcards in Full Color*, um disco de ringtones para celular - que para mim me parece algo como 'um restaurante para sentir cheiro de comida'.

Outros álbuns mais sérios incluem *Infra*, que traz a música para um balé tocada com piano, sintetizadores e quinteto de cordas, e a dupla de discos *Sleep* e *From Sleep*, que trazem 31 peças totalizando quase 9 horas de música "para acompanhar uma boa noite de sono". O fato que, neste último par, eu encontrei algumas belíssimas e assombrosas peças musicais, para piano, cordas, sintetizadores e

vocais femininos - e o melhor de tudo é que eu descobri essa música acordado!

No meio dessa variedade musical modernista, Richter tem uma extensa carreira como compositor de trilhas para filmes e séries - inclusive participações na música do filme *Ilha do Medo* (Shutter Island), dirigido por Martin Scorsese e estrelado por Leonardo DiCaprio, uma trilha só de música clássica moderna e contemporânea com compositores que vão desde Ligeti até John Cage e Brian Eno.

Mas, um dos motivos desta coluna, e a obra-prima "recomposta" por Max Richter, é mesmo *Four Seasons* de Antonio Vivaldi - cuja versão original do compositor barroco italiano é uma das mais tocadas e gravadas obras do repertório clássico, e conhecida de todo mundo que tenha ouvidos nos lados da cabeça, sendo que parte de suas melodias já foram usadas até em espera de telefone de central de telemarketing de empresas ("Não desligue, sua ligação é muito importante para nós") e propaganda de sabonetes Vinólia.

A versão de Richter é considerada neo-clássica, pós-modernista e minimalista, contando com a orquestra Konzerthaus Kammerorchester Berlin, regida pelo maestro alemão André de Ridder, contando, como solista ao violino, com o britânico Daniel Hope - que, aliás, toca com um violino Guarneri del Gesù de 1742.

A ordem dos temas é totalmente diferente, comparado com o original Vivaldi, assim como Richter mesmo declarou que não usou a maioria do material original, preferindo dar nova roupagem aos temas mais conhecidos. Com diferentes intenções, ênfases e arranjos, sua versão soa às vezes um pouco etérea, assim como quase sobrenatural, sonhadora, com alguns críticos falando que finalmente versões, rearranjos e mixagens modernas de música clássica se tornaram interessantes. Bom, nesse caso eu concordo!

Além de ter saído por um selo clássico altamente conhecido - o alemão Deutsche Grammophon, ou DGG, que hoje pertence ao grupo Universal Music - essa Recomposição de Vivaldi tem uma qualidade sonora muito boa, com excelente captação do violino, orquestra soando grande e boa ambiência (ainda que um tanto artificial, fruto da modernidade temática da gravação). É recomendada por ser interessante tanto musicalmente quanto em qualidade som.

Destaque para as faixas *Spring 2*, *Summer 1* e *Summer 3* - que eu achei particularmente interessantes.

Disponível no mercado mundial em: CD / Vinil / Streaming.

QUALIDADE DE SOM



MUSICALIDADE





Max Richter



***Dead Can Dance - In Concert* (PIAS Recordings, 2013)**

Um dos gêneros musicais mais interessantes é o World Music. Como nome e designação é detestado por muitos - apesar de eu nunca ter entendido o porquê, realmente. Tem gente que adora por etiqueta no trabalho que faz e no dos outros também - como é o caso da música eletrônica, que quase tem mais gêneros e subgêneros do que artistas.

Eu não me incomodo com etiquetas, e World Music para mim é aquilo que não é gênero específico consagrado de culturas que conhecemos - como a ocidental e parte da oriental. Entendo que existe

um fator limitante para muitos: os que conhecem apenas o jazz e suas vertentes, o rock e suas vertentes e o clássico e suas vertentes - e tudo o mais é 'world music'. Eu prefiro catalogar ou etiquetar como World Music uma música que não tem catalogação óbvia - como a africana tem, a japonesa tem, a chinesa tem, a do Oriente Médio tem, entre outras - uma música que pertence ao mundo, que geralmente mistura uma série de influências e aspectos de várias culturas. No jazz chamam de Fusion, mas no que mais existe por aí, não tem catalogação. Chamo, portanto, de World Music - como é o exemplo do trabalho do músico inglês Peter Gabriel, fomentador de misturas com uma música também chamada de Étnica.

Veja, todo esse preâmbulo chato é para falar de um expoente do gênero que é de origem australiana, radicados depois no Reino Unido, e que traz influências étnicas de muitos lugares mas que não tem como ser catalogado definitivamente - talvez devido à ser e soar único.

O duo Dead Can Dance é originalmente formado em Melbourne na Austrália, em 1981, pela cantora e musicista Lisa Gerrard e o cantor e multi-instrumentista Brendan Perry. Claro que, ao longo do anos, o duo teve sempre uma excelente banda de apoio - na qual muitos músicos permaneceram gravando e tocando ao vivo com a banda durante muitos anos. Estes incluíam, com variações na formação de disco para disco: baixo, bateria, percussão, guitarra, sintetizadores, cello, trombone, tímpanos, entre outros. ►

DISCOS DO MÊS

No Dead Can Dance, além de composição e arranjos, Lisa Gerrard é famosa pelo timbre de sua voz - além de sua habilidade tocando o Yangqin (um tipo de dulcimer medieval chinês). Em seu trabalho solo, também por seu alcance e habilidade vocais, ela é bastante lembrada por muitos dos que assistiram o filme *Gladiator*, do diretor Ridley Scott, em cuja trilha sonora tem um bocado de participação vocal sua. Inclusive, Gerrard co-assina a trilha sonora junto com Hans Zimmer.

Brendan Perry, além dos vocais, vários instrumentos, composição e arranjos, tem um extenso trabalho como profissional de estúdio, vários álbuns solo, além de uma lista longa de colaboração em discos de vários artistas.

Parte da dificuldade em se catalogar o som do Dead Can Dance está na imensidão e mistura de gêneros que fez parte da evolução da banda. Primeiramente, eles passaram décadas como parte de um selo inglês de rock alternativo, o 4AD. Depois, durante os anos, sua sonoridade foi 'acusada' de usar: polirritmos africanos, folk gaélico (música celta), canto gregoriano, mantras do Oriente Médio, Art Rock, rock progressivo, rock alternativo, eletrônico ambient, gótico, música medieval européia, entre outros.

Em 1998 a banda se separou oficialmente. Mas, ao longo dos anos, várias reuniões ao vivo ocorreram, assim como, em 2012, Gerrard e Perry montaram mais uma encarnação do Dead Can Dan-

ce e gravaram *Anastasis* - do qual, aliás, o disco *In Concert* é o registro ao vivo da turnê.

Em 2018, Perry começou a trabalhar em uma série de faixas que seriam para um álbum solo seu. No meio do processo percebeu que elas soavam mais como Dead Can Dance do que como um disco solo, e logo contactou Gerrard e, juntos, gravaram *Dionysus*, o mais recente trabalho de uma banda que, de uma maneira ou outra, está fadada a continuar trazendo música interessante e rica em um cenário musical que é, por vezes, semi-árido.

Com uma carreira de quase 40 anos e nove elaborados discos de estúdio, *In Concert* é apenas seu segundo disco ao vivo - e o interessante disso é que, além da música do disco do qual é turnê, traz também uma série de faixas do repertório consagrado da banda. Bom para conhecer o trabalho deles, e bom para os fiéis fãs.

Destaque para as interessantes faixas: *Amnesia*, *Anabasis* e *Opium* (todas do disco *Anastasis* de 2012), e *Nierika* (do disco *Spiritchaser* de 1996).

Disponível no mercado mundial em: CD / Vinil / Streaming. ■

QUALIDADE DE SOM



MUSICALIDADE



Dead Can Dance



AUTOMAÇÃO ÁUDIO VÍDEO

(31) 2555 1223 📞

comercial@hificlub.com.br @

www.hificlub.com.br 🌐

R. Padre José de Menezes 11 · Luxemburgo · BH · MG 📍

Empresa do Grupo Foco BH ©

CASA INTELIGENTE

SOLUÇÕES INOVADORAS DESDE O PROJETO DE
INFRAESTRUTURA, AOS EQUIPAMENTOS HI-END DE
ALTA PERFORMANCE E DESIGN!

UP **GRADE**

FAÇA UPGRADE NO SEU
SISTEMA COM A HIFICLUB



PROJETO
PATRICIA HERMANNY



RANKING DE TESTES DA ÁUDIO VÍDEO MAGAZINE

Apresentamos aqui o ranking atualizado dos produtos selecionados que foram analisados por nossa metodologia nos últimos anos, ordenados pelas maiores notas totais. Todos os produtos listados continuam em linha no exterior e/ou sendo distribuídos no Brasil.

AUDIO
VIDEO
MAGAZINE

TOP 5 - AMPLIFICADORES INTEGRADOS

Hegel H360 - 95 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.235
Aavik U-300 - 94 pontos (Estado da Arte) - Som Maior - Ed.220
Luxman L-590AX MKII - 93 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio e Vídeo - Ed.229
Mark Levinson N°585 - 93 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.221
Sunrise Lab V8 MK4 - 92,5 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.234

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES

CH Precision L1 - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.239
D'Agostino Momentum - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198
Audio Research Ref 6 - 98 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.243
Luxman C-900U - 98 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio e Vídeo - Ed.232
Mark Levinson N°526 - 98 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.228

TOP 5 - AMPLIFICADORES DE POTÊNCIA

CH Precision M1 - 106 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.238
Goldmund Telos 2500 - 104 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.200
Audio Research 160M - 102 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed. 251
Hegel H30 - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.210
D'Agostino Momentum - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.185

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES DE PHONO

Boulder 508 - 102 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.253
Tom Evans The Groove+ - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.204
Pass Labs XP-25 - 95 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.170
Gold Note PH-10 - 93 pontos (Estado da Arte) - Living Stereo - Ed.249
Esoteric E-03 - 92 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198

TOP 5 - FONTES DIGITAIS

MSB Select DAC - 106 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.252
dCS Rossini - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.250
dCS Scarlatti - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.183
Mark Levinson N°519 - 99 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.230
dCS Rossini - 94 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed. 226

TOP 5 - TOCA-DISCOS DE VINIL

Basis Debut - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.196
Transrotor Rondino - 103 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.186
Dr Feickert Blackbird (braço: Reed 3Q) - 95 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.199
AMG Viella V12 - 95 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.189
Transrotor Apollon - 95 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.167

TOP 5 - CÁPSULAS DE PHONO

MY Sonic Lab Ultra Eminent EX - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.202
Air Tight PC-1 Supreme - 105 pontos (Estado da Arte) - Alpha Audio & Video - Ed.196
Cápsula MC Murasakino Sumile - 103 pontos (Estado da Arte) - KW Hi-Fi - Ed. 245
vdH The Crimson SE - 99 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.212
Benz LP-S - 97 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.174

TOP 5 - CAIXAS ACÚSTICAS

Wilson Audio Alexandria XLF - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.200
Evolution Acoustics MMThree - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.176
Kharma Exquisite Midi - 99 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.198
Dynaudio Evidence Platinum - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.193
Revel Ultima Salon 2 - 98,5 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.229

TOP 5 - CABOS DE CAIXA

Transparent Audio Reference XL G5 - 103,5 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.231
Crystal Cable Absolute Dream - 103 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.205
Sunrise Lab Reference Quintessence Magic Scope - 101 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.240
Sax Soul Ágata - 100 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul Cables - Ed.228
Nordost TYR 2 - 99 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.250

TOP 5 - CABOS DE INTERCONEXÃO

Transparent Opus G5 XLR - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.214
Sax Soul Ágata II - 103 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul - Ed.251
Sunrise Lab Quintessence - 102 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.244
van den Hul CNT - 100 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.211
Nordost TYR 2 - 99 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.250



GUIA BÁSICO PARA A METODOLOGIA DE TESTES

Para a avaliação da qualidade sonora de equipamentos de áudio, a *Áudio Vídeo Magazine* utiliza-se de alguns pré-requisitos - como salas com boa acústica, correto posicionamento das caixas acústicas, instalação elétrica dedicada, gravações de alta qualidade, entre outros - além de uma série de critérios que quantificamos a fim de estabelecer uma nota e uma classificação para cada equipamento analisado. Segue uma visão geral de cada critério:

EQUILÍBRIO TONAL

Estabelece se não há deficiências no equilíbrio entre graves, médios e agudos, procurando um resultado sonoro mais próximo da referência: o som real dos instrumentos acústicos, tanto em resposta de frequência como em qualidade tímbrica e coerência. Um agudo mais brilhante do que normalmente o instrumento real é, por exemplo, pode ser sinal de qualidade inferior.

PALCO SONORO

Um bom equipamento, seguindo os pré-requisitos citados acima, provê uma ilusão de palco como se o ouvinte estivesse presente à gravação ou apresentação ao vivo. Aqui se avalia a qualidade dessa ilusão, quanto à localização dos instrumentos, foco, descongestionamento, ambiência, entre outros.

TEXTURA

Cada instrumento, e a interação harmônica entre todos que estão tocando em uma peça musical, tem uma série de detalhes e complementos sonoros ao seu timbre e suas particularidades. Uma boa analogia para perceber as texturas é pensar em uma fotografia, se os detalhes estão ou não presentes, e quão nítida ela é.

TRANSIENTES

É o tempo entre a saída e o decaimento (extinção) de um som, visto pela ótica da velocidade, precisão, ataque e intencionalidade. Um bom exemplo para se avaliar a qualidade da resposta de transientes de um sistema é ouvindo piano, por exemplo, ou percussão, onde um equipamento melhor deixará mais clara e nítida a diferença de intencionalidade do músico entre cada batida em uma percussão ou tecla de piano.

DINÂMICA

É o contraste e a variação entre o som mais baixo e suave de um acontecimento musical, e o som mais alto do mesmo acontecimento. A dinâmica pode ser percebida até em volumes mais baixos. Um bom exemplo é, ao ouvir um som de uma TV, durante um filme, perceber que o bater de uma porta ou o tiro de um canhão têm intensidades muito próximas, fora da realidade - é um som comprimido e, portanto, com pouquíssima variação dinâmica.

CORPO HARMÔNICO

É o que denomina o tamanho dos instrumentos na reprodução eletrônica, em comparação com o acontecimento musical na vida real. Um instrumento pode parecer 'pequeno' quando reproduzido por um devido equipamento, denotando pobreza harmônica, e pode até parecer muito maior que a vida real, parecendo que um vocalista ou instrumentista sejam gigantes.

ORGANICIDADE

É a capacidade de um acontecimento musical, reproduzido eletronicamente, ser percebido como real, ou o mais próximo disso - é a sensação de 'estar lá'. Um dos dois conceitos subjetivos de nossa metodologia, e o mais dependente do ouvinte ter experiência com música acústica (e não ampliada) sendo reproduzida ao vivo - como em um concerto de música clássica ou apresentação de jazz, por exemplo.

MUSICALIDADE

É o segundo conceito subjetivo, e necessita que o ouvinte tenha sensibilidade, intimidade e conhecimento de música acima da média. Seria uma forma subjetiva de se analisar a organicidade, sendo ambos conceitos que raramente têm notas divergentes.

TESTE
1
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=OZVIOYPRKFA](https://www.youtube.com/watch?v=OZVIOYPRKFA)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ACGCZA0QNC8](https://www.youtube.com/watch?v=ACGCZA0QNC8)



CAIXAS ACÚSTICAS DYNAUDIO EVOKE 50



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

A Dynaudio, nesses últimos dez anos, produziu profundas modificações na suas linhas de caixas, eliminou algumas, lançou toda uma linha de novos falantes e apostou forte em um design mais próximo das tendências com linhas curvas, abandonando aquele conceito de caixas quase que produzidas de forma artesanal por experientes marceneiros dinamarqueses, do início de sua bela trajetória.

Há quem aprecie esta modernização, e outros não. O importante é que a 'fila ande', como dizem os mais jovens, e que os avanços tecnológicos justifiquem as mudanças.

Pelo jeito, a aposta da Dynaudio nessa modernização vem dando bons frutos, já que as novas linhas Contour e Confidence têm recebido mundo afora excelentes elogios e críticas muito positivas. E com tantas mudanças em tão pouco tempo, era de se esperar que a linha Focus, com mais de uma década de excelentes modelos lançados, seria a próxima bola da vez, a ser totalmente revista.

Para os que apostaram em uma linha Focus repaginada, o lançamento da linha Evoke em substituição à Focus deve ter sido uma enorme surpresa. Para os que acompanham de perto os novos passos estratégicos da Dynaudio, não!

A Dynaudio, em cada novo avanço tecnológico de seus falantes nas séries superiores, à medida em que conseguia volume de vendas, utilizava esses avanços também em suas linhas de entrada. Foi o caso dos famosos tweeters Esotar 1 e 2, que foram sendo incorporados às séries abaixo e deram à Dynaudio a fama e o respeito que ela desfruta hoje.

A Dynaudio aposta muito que a nova linha Evoke não só substituirá com méritos a Focus, mas vai atender a um mercado muito mais amplo que a linha anterior atendia. Mas essa minha afirmação tentarei explicar mais à frente.



Sugiro que os interessados na linha Evoke leiam também o teste da Evoke 10, publicado na edição 253, pois o nosso colaborador Juan Lourenço passou muitos detalhes interessantes do desenvolvimento tecnológico dos novos falantes.

A Evoke 50 é uma coluna de três vias muito esguia, com 1,16 metros de altura. O fabricante disponibiliza os seguintes acabamentos: nogueira mate, carvalho claro, preto e branco de alto brilho. A frente é ligeiramente arredondada, e como na Dynaudio 40 Anos, a traseira é mais estreita. Os novos falantes agora possuem um anel plástico que impede de vermos os parafusos de fixação, e as telas são fixadas por ímã.

Os novos falantes são os mesmos utilizados na linha acima, Contour. Os dois woofers de 6 polegadas mantêm o cone MSP usado pela Dynaudio há mais de duas décadas, porém, por trás do cone foram completamente modificados. O guarda-pó é bem menor, sendo parte integrante do cone. O fabricante afirma que este cuidado torna toda a construção dos cones mais rígida, sem aumentar o peso ou mudar a sonoridade do cone.

A bobina também sofreu alteração, diminuindo de tamanho mas ampliando a excursão do cone em mais um centímetro. Tudo em vista de diminuir a distorção, dar resposta mais linear e maior precisão nos transientes. As novas bobinas são enroladas em fio de cobre nos woofers, e no falante de médio em fio de alumínio banhado a cobre. Tudo para a diminuição do peso do falante de médio,

com melhora (segundo o fabricante) no nível de distorção e em uma resposta ainda mais linear.

Com os fios de cobre, o woofer ficou mais pesado e então, para manter tudo sob controle, o fabricante investiu no desenvolvimento de novos ímãs feitos de uma mistura de carbonato de estrôncio e Ferrita+, compactados em uma espécie de cerâmica para suportar altas temperaturas sem fadiga e sem distorção.

O falante de médio, além da nova bobina, também recebeu um ímã de neodímio grande, extremamente mais caro que as versões anteriores da linha Focus, e mais resistente.

Mas a maior mudança está no novo tweeter, o Cerotar (que substituiu a linha Esotar na série Contour). O Cerotar (Carbonato de estrôncio, ferrite e cerâmica) baseia-se no tweeter da nova série Confidence (Esotar 3), com uma nova forma de ímã (com menor refração na sua traseira) e um novo material magnético que foram desenvolvidos na Dynaudio para o domo batizado de Hexis.

O Hexis é um disco de plástico pequeno e curvo (convexo) que é fixado atrás do tweeter de cúpula de seda e segue a forma de uma membrana. Possui um padrão sofisticado de buracos que se assemelha à superfície de uma bola de golfe. Com isto, as ondas sonoras irradiadas para trás são desviadas mais rapidamente, fornecendo uma limpeza audível nas altas frequências e melhora da dispersão no eixo lateral e horizontal.

O desenvolvimento deste disco de plástico de tamanho tão reduzido custou tempo e dinheiro, mas sua tecnologia será utilizada nas futuras séries de falantes, reduzindo seus custos.

Uma coisa que a Dynaudio não abre mão é que todas as suas caixas não aceitem bi-amplificação ou bi-wire. Pois eles sempre lembraram que o melhor é investir em apenas 1 bom cabo de caixa para extrair todo o potencial de uma Dynaudio.

O crossover da Evoke 50 é de segunda ordem para os graves, e terceira ordem para os médios e agudos. Os spikes são fornecidos e devem ser montados com muito cuidado as caixas - o fabricante fornece a chave para a fixação das bases para os pés.

Feita toda a montagem, e instalada no lugar da Kharma Exquisite Midi, anotamos as primeiras impressões. Na maior parte do tempo o sistema utilizado foi o nosso de referência, e também utilizamos o power Cambridge Edge W (leia Teste 2 nesta edição), o integrado Hegel H590 e o power valvulado AL-KTx2-KT 150, do projetista André de Lima, de Lins, interior de São Paulo.

Os cabos de caixa foram: Nordost Tyr 2 e Sunrise Lab Quintessence. De interconexão: Sunrise Lab Quintessence, Sax Soul Ágata 2, Transparent Opus G5 e Nordost Tyr 2.



Murasakino
Musique Analogue

Cápsula MC Sumile
"Um conforto exuberante"



TD 203



3XL

ESTADO
DA ARTE



VA-ONE

THORENS®

**DeVORE
FIDELITY**

QUAD
the closest approach to the original sound

ACROLINK®

**FLUX
HIFI**

JELCO
MADE IN JAPAN



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

fernando@kwhifi.com.br - (48) 3236.3385
(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

www.kwhifi.com.br



A boa notícia é que mesmo quando sai da embalagem zerada, a Evoke 50 pode tranquilamente ser ouvida enquanto amacia. Claro que não dá para querer que saia já com a mesma performance que desfrutamos após 300 horas de queima, mas o consumidor pode tranquilamente desfrutar de duas a três horas diárias enquanto vai ouvindo sua evolução no amaciamento.

Minha última experiência com a linha Focus foi com a 360 de um amigo e leitor da revista para quem prestei consultoria. Tocava muito bem, com excelente equilíbrio tonal, ótimo controle dinâmico e um palco e corpo muito corretos para o seu preço e tamanho!

A Evoke 50, além de todas essas virtudes, é mais refinada (principalmente nas altas) e possui uma região média translúcida! Os graves, até o amaciamento, pareciam ser da mesma 'forma' que a Focus 360, com excelente velocidade e extensão, mas com um médio-grave um pouco mais recuado e com menor corpo.

Mas, pelas qualidades da Contour 60 testada por nós na edição 240, descobri que se teve uma característica que a Dynaudio mudou em termos de assinatura sônica foi justamente no corpo dos médios-graves. Então achei por bem esperar toda a queima antes de sair tirando conclusões.

A primeira mudança auditiva se deu com 80 horas de queima. O palco recuou, levantou a altura e alargou para mais de 1 metro para fora das caixas. A altura se mostrou essencial para as audições de cantores/cantoras e para a percepção dos ambientes em que as gravações foram realizadas. Os graves, ainda que engessados, com 80 horas já estão soltos e com velocidade suficiente para nos fazer acompanhar tempo e ritmo com precisão. Os médios se tornam tão orgânicos que são praticamente 'palpáveis', e os transientes fazem justiça à este fabricante, pois estão entre os melhores e mais naturais possíveis. Dá gosto ouvir pianos solo, percussões e violões na Evoke 50.

Com 150 horas a mudança mais significativa, para o meu gosto pessoal, foi o recuo da região média-alta e o encaixe perfeito com os agudos. Esse ajuste é imprescindível para começarmos a escolher o posicionamento ideal das caixas na sala de audição. Pois fazer este ajuste, antes deste encaixe, é outra perda de tempo, porque se recuamos as caixas do ponto de audição antes do encaixe, mudamos todo o equilíbrio tonal da mesma, hora sentindo que os agudos estão com pouca extensão, hora sentindo que os médios estão projetados em demasia para frente. Então o melhor é esperar.

Alguém aí do outro lado deve estar se perguntando: como eu sei que encaixou? Ouvindo instrumentos que tenham extensão para trabalhar com a primeira oitava no médio e a segunda ou terceira oitava nos agudos (tweeter). Piano, sax soprano, flautim, violino, trompete com surdina, são ótimos exemplos. Se você sentir que ►



estes instrumentos solo, quando passam de um falante para o outro, perdem o foco (como se tivessem a mudar de posição em relação ao microfone - e não for problema de fase no setup), a região média ainda não encaixou com os agudos. Geralmente quem encaixa é o falante de médio, recuando a partir do amaciamento, mas também ocorre o contrário, com o tweeter começando muito à frente e só à medida que amacia recua para encaixar perfeitamente (os tweeters tipo corneta, alguns projetos com tweeters de berílio ou titânio, se comportam desta maneira - mais frontais e só depois de totalmente amaciados, recuam).

Ainda que na Evoke este encaixe tenha acontecido com 150 horas, minha experiência achou melhor esperarmos um pouco mais (220 horas) para iniciar o ajuste de posicionamento em nossa sala. A razão para adiar este processo foi exatamente para aguardar a outra ponta (graves e médios-graves) também se equilibrar tonalmente para, aí sim, fazer o ajuste e começar a avaliação auditiva.

Aqui também vai uma dica, para saber se estabilizou o corpo dos graves e médios-graves: pegue alguma gravação que tenha um contrabaixo acústico e um cello. Observe como se comportam ambos instrumentos nas suas oitavas, subindo e descendo. Está evidente que o contrabaixo tem maior corpo que o cello, ou às vezes os dois instrumentos parecem ter o mesmo tamanho? Se, mesmo depois de todo o amaciamento, os corpos forem similares, aí é provavelmente uma limitação de resposta na última oitava do grave (as boas bookshelves conseguem, mesmo com a apresentação de corpos diminutos, ainda assim, manter uma proporção entre o tamanho do contrabaixo em relação ao cello), ou também pode ser um problema

de projeto da caixa se for uma coluna e esta tiver uma resposta linear de 30 Hz para cima, ou problema da sala ou do equipamento.

Não é o caso da Evoke 50. Ainda que ela não tenha o mesmo corpo da Contour 60 (e nem poderia, pois os woofers da Evoke são menores) a proporção de corpo é totalmente audível. Com 220 horas finalmente posicionamos a caixa em nossa sala, com 3,50 m entre elas (de tweeter a tweeter), 1,90 m da parede atrás delas, e um leve toe-in para o centro de apenas 15 graus.

O resultado foi espetacular, para a reprodução de música clássica e grandes big bands! Palco amplo, camadas e mais camadas, com excepcional recorte, foco e localização 3D dos solistas. Arejamento perfeito, sensação muito precisa dos ambientes e um silêncio de fundo em torno dos solistas perfeito.

Para os apaixonados por soundstage, a Evoke 50 é uma caixa com preço intermediário e com performance de caixas top neste quesito. Fácil de instalar, graças ao seu design slim, a Evoke 50 some na sala assim que a música surge!

Seu equilíbrio tonal é excelente, e se o ouvinte quiser mais energia entre as caixas nos médios e nos graves, basta fechar um pouco mais a distância entre elas. Respondem imediatamente a tudo que você faz em seu benefício, como melhoria de cabos, troca de eletrônica e posicionamento.

Sua região média tem o equilíbrio perfeito entre transparência e musicalidade, permitindo que as texturas sejam realçadas com enorme precisão. Tanto na qualidade do instrumento, virtuosidade, como na captação e na intencionalidade da composição. ►

A dinâmica - tanto a macro como a micro - são espetaculares e fica difícil acreditar que suportem e controlem com tanta eficácia gravações complexas como a Sagração da Primavera de Stravinsky, o Concerto para Piano e Orquestra de Bela Bartok, ou a Sinfonia Fantástica de Berlioz. Sua macro possui folga suficiente para permitir ao ouvinte escutar essas obras em volume adequado, sem sustos com distorção, endurecimento ou frontalização.

O corpo harmônico não possui a mesma precisão e tamanho realístico da Contour 60 e da Platinum, porém na sua faixa de preço faz verdadeiro milagre neste quesito! Escutei alguns tambores japoneses, de sentir o deslocamento de ar no peito, sem nenhum descontrolo das caixas! E olha que nossa sala de referência tem 50 m²! O que poderia ser uma barreira para os woofers de 6 polegadas da Evoke 50, mas ela não se intimidou de forma alguma.

A materialização física do acontecimento musical (organicidade) é um 'fato consumado' para a Evoke 50. Não precisam ser gravações impecáveis tecnicamente. Basta que sejam corretas, para você ter o acontecimento musical todos os dias ali à sua frente!

E a musicalidade só dependerá do setup ligado à ela, do seu tratamento acústico e elétrico. Tudo correto e coerente e a música fluirá com uma clareza sem fim!

CONCLUSÃO

A série Evoke da Dynaudio mirou no público alvo da Focus e atingiu o coração também dos que têm ou tiveram as antigas Contour 3.0, 5.8 etc... São caixas adaptadas aos dias de hoje (salas menores e com a necessidade de ter aprovação da família), que atendem a uma faixa muito ampla de audiófilos e melômanos.

É capaz de presentear a todos apaixonados por música com audições precisas, cristalinas e com grande prazer auditivo. São extremamente compatíveis com inúmeros amplificadores (até com o valvulado tocou extremamente bem, algo inimaginável nas Dynaudios de uma geração atrás) e muito fáceis de serem posicionadas em até salas grandes como a nossa, sem nenhum problema. Basta ler os inúmeros reviews já publicados desta nova série, para se ter uma ideia do impacto causado pela sua relação custo/performance.

Se você sonha em ter uma Dynaudio, possui um sistema Estado da Arte montado com enorme sacrifício e deseja fechar este ciclo com uma caixa exuberante e com um valor que cabe no seu orçamento, ouça a Dynaudio Evoke 50.

Uma caixa, que certamente terá uma trajetória de sucesso vertiginosa! ■



Sax Soul Cables

Extraia todo o potencial do seu sistema.





ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=TALAV0PRIYY](https://www.youtube.com/watch?v=TALAV0PRIYY)



AMPLIFICADOR CAMBRIDGE AUDIO EDGE W



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

A Cambridge Audio foi fundada pelo professor Gordon Edge em 1968. Seu primeiro produto foi o amplificador integrado P40, e seu grande diferencial em relação a concorrência foi o uso de um transformador toroidal que possibilitou ao P40 um som muito mais limpo e com menor distorção que qualquer produto concorrente. O sucesso veio imediatamente!

Gordon era um visionário que não se deixava iludir com o sucesso, e sempre buscou formas de atrair seu público-alvo. E teve a brilhante ideia de realizar, todas as sextas-feiras no final do expediente, shows com música ao vivo para mostrar como uma apresentação 'real' soa, e como a Cambridge buscava 'captar' parte desta magia em seus produtos.

Essas apresentações se tornaram históricas e eram disputadas por uma legião de admiradores e jornalistas.

O professor Edge também defendia a filosofia de que seus produtos deveriam atingir o maior número possível de consumidores, e esta visão norteou o desenvolvimento de uma série de produtos bons e baratos.

Para comemorar os 50 anos da Cambridge Audio, e homenagear seu fundador, foi colocado o seguinte desafio para os engenheiros da empresa: desenvolver uma linha comemorativa à altura do feito do professor Edge, sem restrições de preço e com os melhores componentes existentes para cada parte do caminho do sinal. E assim nasceu a série Edge, composta do amplificador de potência, um pré amplificador com streamer e um integrado. Os engenheiros designados para o projeto definiram que o essencial era fazer com que o sinal percorresse o menor caminho possível (no power, da entrada do sinal até a entrega para as caixas, são apenas 14 etapas). ►

Recebemos em conjunto o power e o pré amplificador, mas assim que vimos o nível de ambos equipamentos, resolvemos desmembrar o teste, apresentando primeiro o power e, mais tarde, o pré amplificador.

O power Edge W foi construído em um belíssimo chassi de tom acinzentado, com cantos arredondados e dissipadores de calor inseridos nos lados. No painel frontal, apenas o botão de acionamento do power com um led discreto. No painel traseiro, conexões RCA e XLR, saída de looping para a ligação de outros powers Edge W em ponte, tomada IEC, chave de mudança de voltagem e terminais de caixa de excelente qualidade.

Pesando 24 kg, o audiófilo imediatamente perceberá que o Edge W foi projetado sob cuidados rigorosos. Este peso incomum para produtos deste fabricante é devido aos dois transformadores toroidais de potência. Os engenheiros definiram que seria importante o uso de um transformador para cada canal, para que o Edge W fosse absolutamente silencioso. Eles descobriram uma maneira dos transformadores não gerarem ruído colocando-os em pé e alinhados milimetricamente, para os campos magnéticos que geram ruído se anularem mutuamente.

Na parte de amplificação, o Edge W debita 100 Watts em 8 ohms e 200 Watts em 4 ohms. A topologia é a mesma utilizada também na série Azur, a classe XA. Patentada pela marca, esta topologia XA roda em classe A quando as demandas musicais do amplificador são baixas e, segundo o fabricante, a passagem para classe B quando a demanda aumenta é feita de forma mais linear e sem distorção audível dos classe AB existentes.

O fabricante fala em 200 a 300 horas de queima, antes de você ter uma ideia exata da performance deste power. Precisamos de quase 400 horas para poder iniciar nossas avaliações e, depois de totalmente amaciado, acabamos optando por trabalhar com ele em 220 V (pois ele se tornou mais silencioso e ganhamos um pouco mais de calor e corpo na região média-alta).

Para o teste, além do pré Edge, também utilizamos o pré Dan D'Agostino Reference, e as seguintes fontes digitais: dCS Scarlatti, dCS Vivaldi (DAC e clock) e MSB Select (DAC e fonte). Fonte analógica: toca-discos Basis Debut IV, braço SME Series V, cápsula Transfiguration Protheus e pré de phono Boulder 508. Caixas: DeVore O/96, Dynaudio Evoke 50 (leia Teste 1 nesta edição), Wilson Audio Yvete e Kharma Exquisite Midi. Cabos de



interconexão: Nordost Tyr 2 (RCA), Sunrise Lab Quintessence (RCA e XLR), Sax Soul Ágata 2 (XLR) e Transparent Opus G5 (XLR). Cabos de caixa: Nordost Tyr 2 e Sunrise Lab Quintessence. Cabos de força: Transparent PowerLink MM2 e Reference Mk2 da Sunrise Lab.

Ao desembalar o Edge W de uma caixa bem inteligente (sempre com a ajuda de alguém, pois com a embalagem são mais de 38 kg) nos deparamos com o produto armazenado em uma caixa de tecido de feltro com zíper. É impossível não perdemos alguns minutos olhando aquele gabinete impecável com desenhos e formas suaves, que mostram o esmero e a dedicação no desenvolvimento do produto.

Devidamente instalado, fizemos uma primeira audição de quase 6 horas para escrever as primeiras impressões e lá foi o Edge W para a primeira parte de amaciamento de 100 horas. O primeiro contato com o Edge W poderá ser frustrante, pois sua beleza cria uma enorme expectativa em relação à sua performance. Mas o power soou frio e sem alma! Como se tivesse vindo da Sibéria e estivesse ainda em estado de hibernação! Ênfase esta avaliação pois para muitos a primeira impressão é a que fica, o que é um erro grotesco, se tratando de equipamento de áudio hi-end. Pois à medida que a queima vai sendo completada, os equipamentos mudam da água para o vinho (os corretos e bons obviamente).

Com 100 horas, nova rodada de avaliação, com os mesmos discos, mesmo setup, mesmo volume. Pouca coisa mudou - ganhamos mais extensão nos graves, mas o som ainda era frio e sem magia alguma. Como a Evoke 50 já havia terminado seu período de amaciamento, inverti a ordem. Voltei o power para a queima e comecei os testes da caixa Dynaudio.

Com 200 horas, finalmente o Edge W pareceu querer acordar de sua longa hibernação. Os agudos ganharam extensão, a região média ganhou corpo e características de sua assinatura sônica como silêncio de fundo e capacidade de apresentar uma micro-dinâmica detalhada e refinada, apareceram!

Faltava, no entanto, o médio-grave ganhar peso e corpo, e os graves maior poder de articulação e energia.

Resolvi então radicalizar e deixar em queima o power Edge W por mais 100 horas, já que a Evoke 50 estava se saindo cada vez melhor em sua avaliação. Quando já estávamos nos finais da Evoke 50 e o Edge W já com 308 horas de queima, resolvemos ligar o conjunto e ver como funcionavam em conjunto (Edge pré e power, com cabos Ágata e Quintessence, com cabos de caixa Nordost Tyr 2 e fonte digital dCS Scarlatti). E finalmente o Edge W deu o ar da graça, com os graves bem recortados e focados, com excelente extensão. Mostrando todas as qualidades da caixa Evoke 50 (leia Teste 1 nesta edição).

Porém, aquele corpo tão desejado no médio-grave ainda era tímido, fazendo com que gravações com um equilíbrio tonal puxando para o médio-alto ficassem muito frontalizadas e cansativas em volumes próximo ao ideal da gravação.

Aí tomei a atitude drástica: trocar para 220V o Edge W, e deixar mais 100 horas em queima.

Interessante que, em 220V, o Edge trabalhou menos quente (depois de 4 a 5 horas de queima) porém seu som nos pareceu muito mais correto (já tive e testei alguns powers que realmente trabalham melhor em 220V, mais silenciosos e com um som mais natural, então já estou acostumado com esses 'rompantes sonoros').

Com 408 horas, a primeira coisa que fiz foi ouvir as mesmas 6 faixas que havia escutado no pré Edge e caixas Evoke 50, com o mesmo cabeamento e nas duas voltagens (110V e 220V) e batemos o martelo que, em nossa sala, o Edge W se sentiu mais à vontade trabalhando em 220V. Definida a voltagem, iniciamos o teste do produto.

Não é mágica, é Ciência!



Peça uma demonstração dos produtos da Magis Audio, e descubra o salto que o seu sistema de áudio e vídeo pode dar.



MAGIS AUDIO

Magis Audio, just listen

Telefone: (11) 98105.8930
duvidas@magisaudio.com
www.magisaudio.com



O Edge W foi um privilegiado em termos de configurações digitais, pois teve a companhia da nata da nata! Como diria o meu amigo Rui: “Um banquete dos deuses”!

Para se conseguir o melhor resultado possível em termos de equilíbrio tonal e corpo, sugiro ao leitor paciência com os seguintes itens: amaciamento, que deverá ser longo e paciente, escolha de voltagem (depois de amaciado completamente), cabo de força, e cabo de caixa. Esses cuidados podem fazer toda a diferença na performance final do Edge W.

Músculo não falta: enganam-se aqueles que acham que 100 Watts serão pouco. Com todas as caixas utilizadas o Edge as conduziu com enorme autoridade e firmeza.

Seu equilíbrio tonal é muito correto, mas se o leitor não acreditar que cabos fazem diferença e não buscar os que sejam mais adequados para ele, as coisas podem desandar.

Com um cabo de força original, as pontas perdem extensão, velocidade e corpo. Falta arejamento, principalmente nas altas, deixando a ambiência sempre em segundo plano, ou em gravações mais limitadas tecnicamente sem respiro nas altas. Os cabos de interconexão também são importantes. O ideal é que sejam muito equilibrados, não tendendo a serem muito transparentes, pois o Edge W não precisa de nenhuma ‘ajudinha’ no quesito transparência.

Seu silêncio de fundo é impressionante, ombreando com powers Estado da Arte infinitamente mais caros. Sua resolução em micro-dinâmica é espetacular, abrindo um horizonte à nossa frente, sem nenhum obstáculo.

Para os amantes de música clássica, que clamam por audições que possam acompanhar cada detalhe executado pela orquestra, o Edge W será provavelmente a opção mais barata neste quesito dos Estados da Arte de preço intermediário.



Seu soundstage também é bem amplo, tanto em abertura do palco como em profundidade. E sua apresentação de foco e recorte é irrepreensível! Os planos são muito bem delineados entre as caixas e o silêncio em volta dos instrumentos são muito bem apresentados.

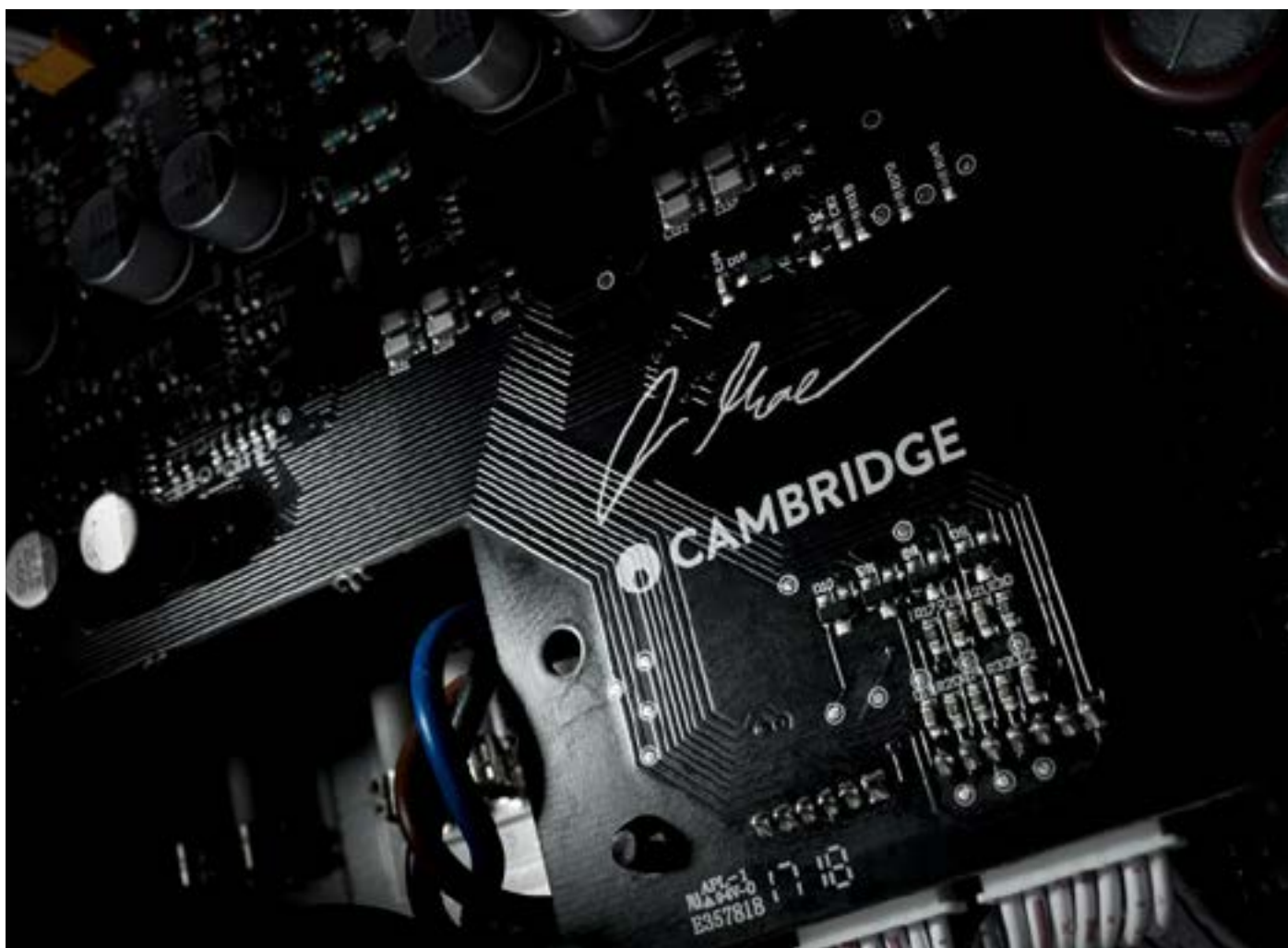
Sua velocidade (transientes) também é excelente, permitindo acompanhar cada execução sem nenhum atropelo ou falta de inteligibilidade.

As texturas não possuem aquela riqueza de apresentação da intencionalidade, porém primam pela competência em nos mostrar a qualidade dos instrumentos e a virtuosidade dos músicos (para extrair mais detalhes da textura será preciso um cuidado extremo com os cabos e as fontes).

A macro-dinâmica foi bastante convincente (mesmo nas caixas com sensibilidade de 85 a 86 dB (como a Yvete e a Evoke 50), e com as caixas de sensibilidade acima de 90 dB (DeVore e Kharma) foi uma verdadeira 'pêra doce'. Controle, autoridade, escala do forte para o fortíssimo sem nenhuma sensação de dureza ou clipagem, mesmo nas gravações mais difíceis deste quesito.

O corpo harmônico, como já citei, dependerá do ajuste fino do setup e cabos, porém se você leitor deseja um corpo (principalmente um corpo nos médios-graves e graves mais próximo do real), o Edge W não o irá atender neste quesito. Pois ainda que bastante proporcional aos tamanhos reais do corpo dos instrumentos, o Edge W possui um corpo mais homogêneo (exemplo: as diferenças de tamanho entre cello e contrabaixo acústico, neste amplificador, são menores que no nosso power de referência o Hegel H30). Mas isto é um problema? Evidente que não. Mas é um preciosismo que equipamentos Estado da Arte podem oferecer.

Mas fica a critério de cada um definir se este quesito é uma prioridade ou não. O que ocorre é que nosso cérebro, quando tem a referência da música ao vivo, se torna mais criterioso nas suas observações na reprodução eletrônica e não irá se satisfazer ou deixar se enganar que aquele acontecimento musical esteja próximo do real! O mesmo ocorre quando temos pouco espaço e optamos por caixas bookshelves: o corpo harmônico sempre será menor. Então tudo é apenas uma questão de escolha e critério.



ÁUDIO CLASSIC em novo endereço. Venha nos visitar!



A Áudio Classic possui as melhores opções em produtos High-End novos e usados. Seu upgrade é nosso objetivo!



DVDs - CDs - LPs - AUDIÓFILOS

REVENDEDOR AUTORIZADO:

- Accuphase • ASR • Audio Flight • Audio Physic
- Audiopax • Avance • B&W • Burmester • darTZeel
- dCS • Dr. Feickert Analogue • Dynaudio • Esoteric
- Evolution • Goldmund • Jeff Rowland • Kharma
- Krell • Kubala-Sosna • McIntosh • MSB Technology
- Pathos • Sonus Faber • Transparent • Von Schweikert Audio
- VTL • Wilson Audio • YG Acoustics

Praça Alpha de Centauro, 54 - conj. 113 - 1º andar - Alphaville/SP
Centro de Apoio 2, em frente ao Alphaville Residencial 6
Tel.: 11 2117.7512 / 2117.7200 / 11 99341.5851



WWW.AUDIOCLASSIC.COM.BR
AUDIOCLASSIC@AUDIOCLASSIC.COM.BR





PEDESTAL DE CAIXA MAGIS AUDIO



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Nos anos 2000, a Airon esteve bastante ativa produzindo uma enorme gama de pedestais e racks que atendiam praticamente a demanda de mercado daquele período. Para se ter uma ideia da hegemonia da Airon neste segmento, basta dar uma olhada nas coberturas dos Hi-End Shows de 2000 a 2008, em que praticamente 80% dos expositores usavam Airon.

Depois a Airon foi descontinuando sua linha de pedestais e racks e o mercado ficou com uma enorme carência neste segmento. O mercado passou a depender dos modelos importados, muito mais caros e que fizeram com que muitos consumidores optassem por mandar fazer seus racks com marceneiros, e os mais 'jeitosos' buscaram soluções feitas com as próprias mãos. Ainda que timidamente, a indústria nacional volta a investir neste segmento, e tanto a Magis Audio como a Timeless parecem ter fincado o pé para conquistar definitivamente o consumidor e mostrar que, no caso específico destes acessórios, tão essenciais, o mercado está bem servido!

Aqui nestas páginas já testamos os racks desses dois fabricantes e podemos afirmar que atendem perfeitamente às necessidades da grande maioria dos nossos leitores. Porém, faltava a ambos apresentarem seus pedestais de caixas acústicas (um mercado ainda maior e mais carente de opções).

A Magis topou o desafio e acaba de lançar seu primeiro pedestal, seguindo a mesma filosofia e design de seu rack. Com 65 cm de altura (com spikes e pucks), 25,5 cm de largura e 33 cm de profundidade, o pedestal deles atende a 80% das bookshelves existentes no mercado.

O esmero no desenvolvimento deste pedestal impressiona aos olhos e aos ouvidos. Pesando 30 Kg cada, possui 3 plataformas estruturais de aço alto carbono de ¼ de polegada de espessura (cada plataforma), 4 colunas de alumínio padrão naval, extrudadas com uma geometria complexa em seu interior e anodizadas em cor prata acetinada. E totalmente preenchidas em material anti-ressonante. ►



As plataformas possuem tratamento anti-corrosão, pintadas em dupla camada de tinta epoxi, e todos os cortes são executados em máquinas de corte laser CNC.

A base em chapa dupla tem a função de agregar maior massa e rigidez. E entre as duas placas é utilizada uma folha de 8 mm de elastômero, para diminuir ao máximo as ressonâncias.

A placa superior, onde a caixa fica apoiada, possui um orifício central para diminuir ressonâncias e permitir o uso de books com duto inferior. O cliente pode escolher esta base com ou sem este orifício central.

Foram feitos diversos protótipos antes de se chegar ao nível ideal de ressonâncias e vibrações próximo ao zero absoluto. Assim, o modelo lançado é totalmente amorfo a ressonâncias e vibrações espúrias. Ao toque dos dedos ou batidas com objetos metálicos, não apresenta nenhum tipo de propagação de vibração ou efeito de sino, por menor que seja!

Para se chegar a este grau de performance, foi feito um minucioso estudo de geometria nas colunas, preenchendo-as com material especial para que as caixas estejam livres de ressonâncias irradiadas do seu próprio gabinete para os pedestais.

A Magis informa que o cliente poderá optar por diferentes alturas para cada tipo de book ou necessidades acústicas das salas.

As fotos não fazem jus ao acabamento, assim como minhas observações com as books que utilizamos também não traduzirão por completo a performance deste pedestal da Magis! A sensação que tivemos com todas as books utilizadas no teste é que as caixas melhoraram em todos os quesitos da metodologia!

Foram elas: Revel Performa3 M106, Dynaudio Evoke 10, Dynaudio 25 Anos e Emotiva B1. Books de preços distintos, assinaturas sonoras bem diferentes, mas que no pedestal da Magis cresceram em performance, como se tivessem sido literalmente 'melhoradas'.

Para o comparativo, utilizei nosso pedestal de referência da Audio Concept, que já está em nossa sala de teste há mais de 7 anos!

O sistema foi o mesmo para as quatro caixas, assim como todos os cabos. Fonte digital dCS Scarlatti, Pré Dan D'Agostino e power Hegel H30. Cabos de caixa: Nordost Tyr 2 e Sunrise Lab Quintessence. Cabos de interconexão: Nordost Tyr 2 (RCA) e Sunrise Lab Quintessence (XLR).

Para o teste, passamos todos os discos da metodologia primeiro com as books no nosso pedestal de referência e, em seguida, no ►

pedestal da Magis. Comecei pela book com que convivo há mais tempo e foi meu monitor de estúdio em todas as nossas gravações da Cavi Records: a Dynaudio 25 Anos. O que mais aprecio nesta book, ainda hoje, é sua capacidade de exprimir o acontecimento musical, sem florear ou dar contornos inexistentes, tornando os extremos mais 'palatáveis' sonicamente. Como todo excelente monitor, ela nos apresenta o que foi captado, mixado e masterizado.

No nosso pedestal de referência, a 25 Anos sempre se mostrou muito bem equilibrada tonalmente e com excelente corpo (ainda hoje me surpreendo com o corpo harmônico desta book) e um foco, recorte e planos irrepreensíveis.

O que mais chamou a atenção quando passamos a 25 Anos para o pedestal da Magis foi que o silêncio de fundo ficou mais evidente e audível, fazendo com que os sons brotassem do silêncio como fogos de artifício em um intenso fundo negro!

Com este quadro sonoro, as micro variações ganharam maior destaque e as texturas maior definição. Os extremos também foram bastante favorecidos com um decaimento ainda mais natural e maior corpo.

Muitos acreditam que pedestais com grande massa e amorfos tendem a secar o médio-grave, mas não foi isto que aconteceu com nenhuma das books utilizadas no teste. Nada de secar ou mudar o equilíbrio tonal (independente do cabo de caixa utilizado), e com a vantagem de deixar todas as books fluírem, melhorando acentuadamente o grau de inteligibilidade do acontecimento musical.

Mas as caixas que mais foram favorecidas com este pedestal foram as mais baratas: Emotiva B1 e Dynaudio Evoke 10. Ambas ganharam maior autoridade, energia no deslocamento das baixas frequências e no arejamento na região alta.

A B1, se tivesse sido testada com o pedestal da Magis, ganharia tranquilamente mais 2 pontos (um em soundstage e um em corpo harmônico). E a Evoke 10 ganharia um ponto (meio em soundstage e meio em micro-dinâmica).

Segundo o fabricante, existe um outro dispositivo que acaba de ser desenvolvido para o pedestal, batizado de desacoplador, e que tem por objetivo fazer com que a própria ressonância de gabinete da caixa seja reduzida (por questão de agenda não conseguimos escutar ainda este acessório, mas prometo que voltaremos neste assunto assim que possível).

A sensação que nos passa é que o pedestal da Magis consegue ser a base ideal para que as caixas trabalhem dentro de sua máxima performance, pois o som se torna mais fluido ou mais descongestionado. Para se ter a prova desta sensação, utilizamos diversas faixas em que a complexidade em variações dinâmicas e de inteligibilidade (com diversos instrumentos tocando em uníssono) fossem difíceis de observar auditivamente.

Ouvíamos sempre antes no nosso pedestal de referência, e depois no Magis. Quando aquela mesma faixa era reproduzida no pedestal da Magis, era nítido que o ar entre os instrumentos era ampliado, assim como o silêncio de fundo possibilitava escutar aqueles sons mesmo em pianíssimo (micro-dinâmica), possibilitando um conforto auditivo inexistente em nosso pedestal de referência.

Para as pessoas a quem mostrei esses exemplos, todas traduziram como: "dar uma limpada no som".

Para tirar uma dúvida que acabou surgindo, fui buscar meus desacopladores de pedestal que tenho há mais de 15 anos, e que certamente muitos dos nossos leitores mais antigos também tem: umas chapinhas fabricadas pela Lando, em que você apoiava a caixa na esfera e um fino ►



Faça um upgrade seguro no seu sistema: Escute-o corretamente!



O novo painel acústico Pererí oferece funcionalidade, eficiência e requinte.

Também desenvolvemos ressonadores, difusores customizados, absorvedores, portas acústicas, racks, pedestais, entre outras peças e dispositivos para salas de audição, estúdios e home theaters.



hi-fi experience
www.hifiexperience.com.br

spike faz o trabalho de desacoplar a caixa da base do pedestal. Queria ver qual seria o comportamento dessas 4 books, desacopladas da base de madeira do Audio Concept.

Para minha surpresa, com exceção da 25 Anos, as outras três caixas sustentadas pelo desacoplador da Lando, perderam corpo tanto na primeira oitava da caixa, como no médio-grave. E os desacopladores Lando no pedestal da Magis não repetiram este comportamento em nenhuma das caixas. Será uma questão da base de metal versus a base de madeira? Será o tratamento existente nas 4 colunas da Magis, versus as três colunas de metal da Audio Concept?

São questões sem resposta, mas que valem a pena serem compartilhadas com o amigo leitor, pois sobre essas questões de vibrações espúrias é muito difícil de chegar à um consenso.

Tivesse no momento mais uma dúzia de books, certamente as teria utilizado no teste. Mas, ainda que tivéssemos apenas quatro books, suas construções são tão distintas quanto suas performances, que acredito ter dado uma ideia do potencial deste pedestal da Magis.

Feito para durar a um ataque nuclear, trata-se do mais bem construído pedestal já produzido no Brasil! Pensado em cada detalhe, dá gosto observar seu design, acabamento e sobretudo sua performance, que no caso das quatro books, elevou de patamar sua performance. Tudo que qualquer audiófilo deseja ao investir em um acessório tão imprescindível para sua bookshelf.

Como sempre escrevo, a partir de determinado patamar o hi-end passa a ser ajustado nos detalhes. E qualquer book hi-end necessitará de um pedestal no mínimo à altura de sua performance. E poder ter este acessório feito aqui, é uma notícia bastante animadora.

Se você acredita que sua bookshelf pode render um 'sumo' a mais e o elo fraco é justamente o pedestal, arrisco dizer que valerá a pena você ouvir sua caixa de referência com este parceiro. Certamente você poderá tirar inúmeras conclusões e a chance deste pedestal ser a solução é alta!

Lembre-se, no entanto, de antes de tirar conclusões precipitadas, pesquisar o que o fabricante de sua bookshelf indica em termos de altura ideal, distância entre as caixas e toe-in, é fundamental. Pois nenhum pedestal, se estiver com a especificação de altura, fora do exigido pelo fabricante, irá resolver seu problema.

Dou esse recado pois inúmeros de nossos leitores muitas vezes enviam mensagens reclamando que não conseguem um bom plano, foco, recorte. Ou a altura dos músicos é sempre baixa, e o problema está justamente no desconhecimento do consumidor em relação ao que o fabricante solicita para uma performance correta.

Outras vezes os leitores reclamam do equilíbrio tonal, que escutam a passagem do médio-alto para o agudo nas suas caixas, e esquecem de pesquisar o que o fabricante fala a respeito do posicionamento das caixas em relação ao ponto ideal de audição.

Neste hobby, quanto mais você sobe, mais os detalhes serão essenciais e, no caso específico de bookshelves em que a esmagadora maioria são caixas de duas vias, o posicionamento milimetricamente correto fará toda a diferença entre o céu e o inferno.

Quase metade de minhas consultorias é tudo apenas uma questão de ajuste fino do sistema ou algum upgrade pontual. Aqueles sistemas em que estava tudo errado no setup, elétrica e acústica, são cada vez mais escassos (felizmente), então ajudá-lo a 'andar com as próprias orelhas' é nosso grande objetivo.

E alertá-lo de que é preciso ler manuais, ter paciência no tempo de amaciamento, e aprender com o erro dos amigos audiófilos - são os primeiros passos para uma vida audiófila plena e satisfatória.

E escolher o pedestal correto para sua book é primordial para qualquer pretensão de se extrair o máximo de seu investimento.

O pedestal da Magis certamente pode ser esta solução muito segura e eficaz! ■

PONTOS POSITIVOS

Construção impecável e grande compatibilidade.

PONTOS NEGATIVOS

Nenhum.

Magis Audio
(11) 98105.8930
R\$ 4.850

**ESTADO
DA ARTE**



A EVOLUÇÃO MAIS QUE ESPERADA DE UM BEST BUY



A Sunrise Lab tem o prazer de apresentar o V8 MK4, nossa maior obra prima!! Deixemos a palavra com os nossos clientes:

Minha história com o V8 é antiga. Conheci o V8 MKI na casa de um amigo, gostei bastante e acompanhei o crescimento de seu sistema com diversos upgrades em volta. Tempos depois, numa troca recebi um MK II no qual acabei atualizando para MKIII, onde o ganho foi grande em muitos aspectos e valeu cada centavo.

Comprei um toca-discos e levei para o Ulisses regular. Ao buscar e ouvi-lo no seu sistema com caixas do mesmo fabricante que as minhas, casou perfeitamente. Era um caminho sem volta.

Encomendei um! Que sensação falar diretamente com o fabricante, com possibilidade de personalizar, futuros upgrades e principalmente a garantia de reparo, sem qualquer dor de cabeça.

Estou plenamente satisfeito, o resultado foi acima da minha expectativa e elevou muito meu sistema. O MKIV está num outro patamar, se equiparando a importados de valor muito acima.

Agora é curtir e juntar uma graninha para meus futuros cabos, que estão sensacionais! Mais um acerto do Ulisses.

Dario, São Paulo.

Setup & Upgrade de Toca-Discos de Vinil • Upgrades & MODs • Acessórios • Consultoria • Assistência Técnica



CABOS NORDOST HEIMDALL 2 DE CAIXA E RCA

 **Juan Lourenço**
revista@clubedoaudio.com.br

A importadora oficial da americana Nordost no Brasil, a AV Group, nos trouxe uma série de cabos para testes, dentre eles os cabos interligação USB Blue Heaven (edição 249), Tyr de caixa e interconexão (edição 250), e Nordost Frey (edição 253).

A Nordost divide seus principais cabos em três grupos: O primeiro grupo, de entrada, denominado Leif, abriga os modelos White Lightning, Purple Flare, Blue Heaven e Red Dawn. Depois a linha Norse de alta performance, contendo os modelos Heimdall 2, Frey 2 e Tyr 2. O terceiro grupo, Reference, tem apenas uma linha de cabos Valhalla 2 e, por fim, a linha Supreme Reference, com o topo da cadeia alimentar: os todo-poderosos Odin e Odin 2.

Nesta edição, o cabo da vez é o modelo Heimdall 2, RCA e de caixa acústica. Como mostrado acima, o cabo Heimdall é o primeiro da linha Norse, e é a partir dele que a coisa começa a ficar séria, por assim dizer, pois começamos a ver algumas técnicas de produção e materiais do Valhalla e Odin sendo empregados na linha

Norse, como a tecnologia Mono-Filament, que cria um dielétrico de ar virtual ao enrolar um filamento FEP flexível em uma espiral precisa ao redor de cada condutor. Sabe aquele filamento colorido que vemos ao redor dos fios, principalmente nos cabos de força? Este é o dielétrico responsável por manter o condutor longe da capa final do cabo. Se observar com cuidado, verá que mais de 70% do fio está realmente 'flutuando', pois este filamento FEP impede que, em uma torção por exemplo, o condutor encoste na camada de Teflon extrudado, reduzindo a absorção dielétrica e controlando melhor o amortecimento mecânico, além de manter a precisão geométrica do cabo. Estas técnicas desenvolvidas primeiramente para a indústria aeroespacial e para a NASA, agora estão à serviço do áudio, da boa música.

Outra tecnologia vinda dos modelos topo de linha é o Aterramento Assimétrico, que diminui o nível de ruído. Em termos práticos, estas duas tecnologias - Mono-Filament e o Aterramento

Assimétrico - podem ser observados na reprodução sonora na forma de mais silêncio de fundo, melhor foco e recorte, e conseqüentemente melhores contornos dos músicos e instrumentos no palco sonoro - Aquele foco surpreendente da linha Valhalla, micro-dinâmicas mais precisas e clareza na região média, já podem ser observados a partir do Heimdall.

Uma curiosidade sobre os cabos de caixa acústica Flat Line (formato de fita) é que esta geometria dos condutores alinhados em paralelo obtém ganhos consistentes em velocidade de transientes, macro e micro-dinâmicas, beneficiando-se diretamente da relação capacitância/indutância formada pelo paralelismo dos condutores.

O pênalti nesta topologia é que a região média tende a vir para frente, tirando um pouco da profundidade de palco. Dá para equilibrar com outras técnicas, mas tais medidas podem encarecer o produto - suspeito que é por isto que desenvolveram os próprios plugs, pois é uma maneira barata de negociar melhor os ganhos e perdas na topologia, principalmente nos produtos de entrada e meio de linha.

As terminações dos cabos Nordost RCA ou XLR utilizam a tecnologia proprietária da marca chamada Nordost MoonGlo®. O RCA macho possui uma 'coroa' que desliza para dentro do próprio plug ao encostar-se no RCA fêmea, fazendo o travamento total do conector. Os de caixa são os tradicionais plugs Banana e Spade.



Para o teste foram utilizados os seguintes equipamentos. Fonte Digital: CD-Player e transporte Luxman D-06, DAC Hegel HD30 Mod By Sunrise Lab. Amplificadores integrados: Sunrise Lab V8 Mk4 e Mk4 SS com pré de phono interno, e PS Audio S300. Cabos de força: Transparent Reference XL MM 2, Sunrise Lab Reference e Quintessence Magic Scope. Cabos de Interligação: Sax Soul Cables Zafira III XLR, Sunrise Lab Reference Magic Scope RCA, Sunrise Lab Quintessence Magic Scope. Cabos de caixa: Sunrise Lab Reference 2 e Quintessence Magic Scope. Caixas Acústicas: Dynaudio Excite X14, Emotiva Airmotiv T1, Neat Ultimatum XL6.

Dentre os cabos que testei, o cabo de caixa Heimdall foi um dos cabos que mais demorou a amaciar. Foi preciso pouco mais de 350 horas de amaciamento. Meu pobre player de batalha, um DVD que uso para os períodos de amaciamento entre as audições sérias no sistema de referência, ficava 7 dias ligado sem interrupções, ouvia e retornava para o pobre DVD trabalhar ainda mais uma semana, e assim foi até o amaciamento. O RCA amaciou mais rápido, e já tinha algumas horas de estrada.

Inicialmente ligamos o Heimdall de caixa ao integrado V8 com as caixas Emotiva T1. De imediato percebemos que a sinergia foi total. A velocidade estonteante do cabo Heimdall nos graves trouxe uma precisão às vigorosas arcadas do contrabaixista Bruce Henri, no disco Bruce Henri & Villa's Voz, faixa 1. Além da precisão rítmica ficar melhor, o cabo trouxe maior equilíbrio na região médio-grave, muito bem-vindo para a T1, porém esta luz a mais na região do médio-grave ofuscou um pouco o grave que descia bem, com impacto e texturas ótimas, mas nem tanto como se esperava. O foco e recorte são o ponto alto deste cabo: todos os instrumentos passam a ter uma apresentação mais 'vincada' no imaginário palco sonoro. É possível perceber, sem muito esforço, os movimentos dos músicos, a posição deles. A inteligibilidade do dedilhado nos solos fica ainda mais precisa.

Continuando nesta linha musical, colocamos Arne Domnérus, disco Live is Life, faixa 11. E novamente ouvimos uma precisão e dinamismo no solo de bateria de causar inveja. Os ataques tinham uma ótima energia, dava para perceber com clareza os harmônicos se formando em cada pele e prato da bateria. A clareza na região média e média-alta fazia com que o acontecimento musical soasse ainda mais prazeroso de ouvir, já que o clarinete ganhava um leve destaque a mais sem se embolar com o restante dos músicos. A profundidade era boa, os músicos não pareciam estar disputando espaço a cotoveladas, muito pelo contrário, tinha uma boa distância entre eles e ótimo silêncio de fundo para mostrar detalhes, como as diferentes batidas dos macetes no vibrafone de Lars Erstrand - mesmo que em uníssono com a clarineta, dava para perceber as

diferentes de dinâmica de cada instrumento separadamente com ótimo timbre e extensão para ambos!

Ao alternar os cabos de interligação disponíveis, as características se mantinham, algumas como os médios e as altas mais doces do cabo Zafira III traziam benefícios muito bons ao cabo de caixa Heimdall, ficando mais relaxado quando a música era mais intimista. Já com o Reference a melhora foi no encaixe do grave com médio-grave, proporcionando mais conforto auditivo e recuando o palco.

Como era de se esperar, o Nordost Heimdall 2 evoluiu bastante, tanto que, diferente da primeira versão, que era mais 'autoritária', a versão 2 se mostrou mais neutra, mais compatível e amigável com cabos fora da sua família.

O mesmo acontece com o RCA tocando separado de seu par. A evolução na compatibilidade com outras marcas, cedendo um pouco de sua assinatura para que outras assinaturas sônicas se misturem, mostra que o grau de refinamento do Heimdall 2 RCA aumentou por demais!

Quando juntos, RCA e caixa, aquele grave mais enxuto do cabo de caixa, dão lugar a um grave cheio e repleto de extensão. As vozes ficam mais recuadas e com corpo melhor delineado, os tamanhos dos instrumentos ficam mais próximos do ideal, mas os agudos perdem um pouco de extensão lá no final da ponta. Claramente o cabo de caixa está um degrau acima do RCA, porém com os dois juntos somando forças, a musicalidade toma conta da sala de audição e a pequena perda na extensão dos agudos passa a ser mais uma questão de gosto pessoal, porque o som fica mais quente, mais relaxado, perfeito para audições de conjuntos de até cinco integrantes, como os de música folk, grupos de jazz, blues e rock progressivo por exemplo.

CONCLUSÃO

A diferença do cabo Heimdall 2 para o seu antecessor é clara como água, e o cabo evoluiu muito e os benefícios são ouvidos sem qualquer esforço. A Nordost conseguiu maior compatibilidade, refinamento e um nível de conforto auditivo surpreendentes para este produto, tudo isto sem perder a identidade sônica da marca, agradando a gregos e troianos. Um feito e tanto! ■

PONTOS POSITIVOS

Construção primorosa e durável. Alta compatibilidade com cabos de características diferentes.

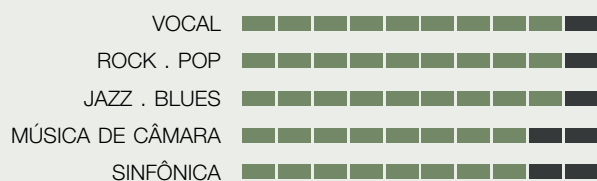
PONTOS NEGATIVOS

Nenhum.

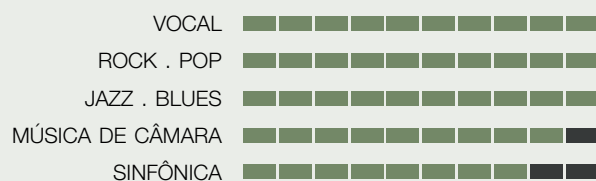
Isolação	Propileno Etileno Fluorado (FEP)
Construção	Camada mecanicamente regulada, e design duplo mono-filamento
Condutores	4 x 24 AWG
Material	Cobre núcleo sólido OFC 99.99999% com banho de prata
Capacitância	25.0pF/pé
Indutância	0.06µH/pé
Cobertura de blindagem	97%
Velocidade de propagação	85%
Terminação	Plugue Nordost MoonGlo® RCA ou XLR banhado a ouro

Isolação	Propileno Etileno Fluorado (FEP)
Construção	Camada mecanicamente regulada, e design micro mono-filamento
Condutores	18 x 22 AWG
Material	Cobre núcleo sólido OFC 99.99999% com banho de prata
Capacitância	9.8pF/pé
Indutância	0.14µH/pé
Velocidade de propagação	96%
Terminação	Spade ou banana Z-Plug com banho de ouro

Equilíbrio Tonal	11,0
Soundstage	10,5
Textura	11,0
Transientes	10,5
Dinâmica	11,0
Corpo Harmônico	12,0
Organicidade	10,5
Musicalidade	11,5
Total	88,0



Equilíbrio Tonal	11,5
Soundstage	11,0
Textura	12,0
Transientes	11,0
Dinâmica	11,0
Corpo Harmônico	11,5
Organicidade	10,5
Musicalidade	12,0
Total	90,5



ESTADO DA ARTE





When Swiss Precision Meets Exquisite Refinement

CH Precision C1 Reference Digital to Analog Controller



A Ferrari Technologies orgulhosamente apresenta a mais nova referência mundial em eletrônica Hi-end. A Suíça **CH Precision**, mais uma marca *State of the Art* representada no Brasil.

“O C1 é, de longe, o melhor DAC ou componente que eu já experimentei no meu sistema. Não tem absolutamente “voz”. Um de seus atributos mais impressionantes é o ruído de fundo extremamente baixo. Em excelentes gravações, os instrumentos surgem ao vivo sem silvos ou anomalias. É absolutamente silencioso! O C1 “pega” qualquer coisa que você jogue nele. Eu ouvia música horas e horas e gostava de cada segundo. Isso me permitiu penetrar mais fundo nas nuances. É tão silencioso que a textura instrumental se tornou uma delícia. O C1 também se destaca em todos os outros parâmetros que você pode imaginar: separação de canais, dinâmica, recuperação de detalhes e apresentação geral.”

Ran Perry





Heitor e Arminda Villa-Lobos - Foto: divulgação Museu Villa-Lobos

VILLA-LOBOS E A 'ALMA BRASILEIRA'

XX Omar Castellan
revista@clubedoaudio.com.br

O novo nacionalismo musical que despontou nas Américas a partir do século XX foi mais rico na América Latina do que nos Estados Unidos, devido à sua fonte folclórica inesgotável. Destacou-se, nesse panorama musical, o brasileiro **Heitor Villa-Lobos** (1887-1959), pela espontaneidade, complexidade e vigor de suas criações. Sua obra, de grande originalidade, representa, essencialmente, um retrato musical do Brasil; entretanto, a marca registrada de Villa-Lobos fica evidenciada na fusão entre a música popular brasileira e a música erudita ocidental, 'apimentada' por um temperamento vulcânico.

No estilo, ela apresenta influências de Debussy e Stravinsky. Villa-Lobos nutria, também, a mais profunda admiração por Bach, de quem ele herdaria o contraponto. São dele estas esclarecedoras palavras acerca de seu quadro estético: 'Considero a música uma arte que se deve venerar como uma religião. Os seus criadores e intérpretes são os servidores do templo. Admiro Tomás Luís de Victoria e Beethoven, porque ambos foram mais além que seus antecessores. Em contrapartida, Schumann e Brahms deixam-me indiferente porque continuaram a utilizar métodos conhecidos antes ►

de seu tempo. Ao homem que escreve uma composição musical peço apenas originalidade. Não suporto a rotina. Por isso, não me interessam os compositores que só são modernos porque fazem parte de nossa época'.

É bem verdade que Villa-Lobos não era exatamente um perfeccionista. Escrevia caudalosamente, todos os dias, em qualquer situação. Os amigos deixavam suas crianças para Villa tomar conta, e em meio a elas, com o rádio ligado, ele escrevia música, com as partituras espalhadas pelo chão. Um amigo seu conta que foi visitá-lo em seu apartamento no centro do Rio de Janeiro, no dia em que a construção do prédio vizinho estava em sua fase mais ruidosa. Britadeiras e bate-estacas soavam em uma percussão infernal. Ficou surpreso de ver Villa-Lobos absorto e escrevendo música naquelas condições. Ficou mais surpreso ainda quando o barulho cessou de repente (era hora do almoço dos trabalhadores) e Villa subitamente parou, e visivelmente chateado, exclamou: 'Pronto, me escapou a inspiração...'. Nessa ânsia de registrar velozmente suas ideias, Villa-Lobos, às vezes, cometia enganos, principalmente quando se tratava de transpor um trecho para outra tonalidade. Muitos desses enganos, que são comumente atribuídos ao seu 'exotismo' harmônico, não passam de simples acidente de escrita.

A educação musical de Villa-Lobos foi tudo, menos acadêmica. Desde tenra idade aprendeu clarinete e violoncelo (instrumento que sempre lhe foi querido) com o pai, Raul Villa-Lobos, homem culto, com especial predileção pela música. Também adquiriu um domínio virtuosístico do violão, no qual improvisava com músicos na sua cidade natal, o Rio de Janeiro. Em uma entrevista de 1957, quando estava completando 70 anos, Villa-Lobos referiu-se ao pai com entusiasmo: 'Era um músico prático, técnico e perfeito. Com ele, eu assistia a ensaios, concertos e óperas, para habituar-me ao gênero do conjunto musical. Aprendi, também, a tocar clarinete, e era obrigado a discernir o gênero, o estilo, o caráter e a origem das obras, além de declarar com presteza o nome das notas, dos sons ou ruídos que surgiam incidentalmente naquele momento. Por exemplo: o guincho da roda de um bonde, o pio de um pássaro, a queda de um objeto de metal. Ai de mim se não acertasse'.

As dificuldades de Villa-Lobos surgiram na juventude, com a morte do pai, mas foi a música que esteou o seu sustento. Foi nos cafés, nos teatros, e, principalmente, no cinema mudo da época que encontrou seus locais de trabalho, frequentou a boemia do seu tempo e aprendeu muito. Sua obra é marcada por essa música popular urbana, sobretudo pelos Chorões. Entre os 18 e 25 anos de idade, Villa-Lobos viajou por todo o Brasil, recolhendo e absorvendo o seu folclore e, sobretudo, escrevendo muita música. Anos mais tarde,

toda essa experiência resultou em um trabalho didático, o 'Guia Prático', contendo ambientações de melodias recolhidas em diversas partes do Brasil. Ao regressar ao Rio, os seus esforços para obter uma formação em composição revelaram-se incompatíveis com o seu temperamento fogoso e impaciente, mas estudou as obras dos grandes mestres. O casamento com a pianista Lucília Guimarães (1913) foi-lhe útil tanto material (a família da esposa deu-lhe bastante apoio financeiro) quanto musicalmente, pois Lucília possuía a sólida formação teórica, a qual Villa-Lobos nunca chegou a adquirir. Sua carreira de compositor iniciou-se em 1915, começando uma longa luta para buscar a sua linguagem própria, enfrentando os críticos e aqueles que não aceitavam a sua obra. Villa-Lobos foi o compositor da Semana da Arte Moderna que tanto agitou São Paulo, em 1922. Vaiado e insultado (ainda mais porque, estando com o pé machucado, entrou no palco de casaca e chinelo), não se deixou abater. São desse período inicial os poemas sinfônicos *Amazonas* e *Uirapuru*, *Primeiro Choro para Violão* e *Primeiro Concerto para Violoncelo e Orquestra*.

Com a ajuda e encorajamento do pianista Arthur Rubinstein, Villa-Lobos pôde ir para Paris na década de 1920, onde encontrou não só uma crítica musical mais compreensiva, como artistas de vanguarda (Satie, Milhaud, Prokofiev, Stravinsky, Picasso). Sua produtividade nessa época é assombrosa, incluindo a série dos *14 Choros* para diversas combinações musicais, as *Serestas* (para voz e piano), as *Cirandas* (para piano), o *Nonetto* e o *Rudepoema* (para piano). O seu regresso ao Brasil, em 1930, coincidiu com a subida ao poder do novo regime nacionalista de Getúlio Vargas, que o encarregou de organizar a vida musical do País: realizou importantes trabalhos como educador ao assumir a direção do Serviço de Educação Musical no Rio de Janeiro, em 1932, instituindo nas escolas o ensino obrigatório de música e canto orfeônico; criou o Orfeão de Professores e promoveu espetáculos corais ao ar livre; foi o primeiro diretor do Conservatório Nacional do Canto Orfeônico (1942), e fundou a Academia Brasileira de Música (1945), da qual se tornou presidente vitalício. As obras que melhor resumem o seu pensamento durante esses anos são as *Bachianas Brasileiras*, que abandonam a rudeza de sua música anterior em favor de uma serenidade clássica. Após 1945, casado agora com Arminda Neves de Almeida, Villa-Lobos retoma uma intensa movimentação internacional sediada, principalmente, em duas cidades: Paris e Nova York, que lhe deram ampla aceitação e acolhimento. Desenvolve uma importante série de *Quartetos de Cordas*, escreve o *Ciclo Brasileiro* (para piano) e os *Prelúdios para Violão*. Acometido por um câncer, em 1947, sua criatividade diminui. Entretanto, encontra energias para escrever as obras do período final - os últimos quartetos para cordas, ►

os belos concertos virtuosísticos para violão e para gaita de boca, obras corais e até partituras para cinema. Faleceu em 1959 e teve as honras de um funeral de Estado. Ele deixou, além de uma obra monumental, uma longa série de histórias que se confundiram com a realidade e fermentaram a sua imagem. Existem frases definitivas que lhe foram atribuídas, como aquela que teria dito ao jovem Tom Jobim: 'Compor, meu filho, é 90% de transpiração e 10% de inspiração'; ou, então, aquela quando era flagrado escrevendo partituras na infinita confusão doméstica: 'Escrevo sempre com o ouvido de dentro. Nessas horas, o ouvido de fora fica desligado'. Em resumo, sua obra, enfim, é isso: o resultado de um ouvido de dentro que soube escutar, melhor do que ninguém, a alma do Brasil.

A principal contribuição de Villa-Lobos à música brasileira e universal são os **Choros**, que correspondem à espinha dorsal de sua obra. Escritos entre 1920 e 1929, durante suas estadas parisienses, os *Choros* revelam gêneros musicais bem diferentes: instrumental, camerístico, orquestral ou vocal. A distribuição varia de um só instrumento (*nº 1* para guitarra, e *nº 5* para piano), até o monumental *14º Choro* para coro e orquestra (Villa-Lobos sempre empregava o termo 'Choro' ou 'Bachiana' no plural). Essas obras dão prova de uma invenção sonora abundante com sua virtuosidade instrumental (a forma é organicamente ligada às instrumentações), duas diversidades de timbre e sua polirritmia erudita. Trata-se, como disse Villa-Lobos, de 'uma forma de composição que sintetiza as diferentes modalidades da música brasileira, indígena e popular'. O *nº 1* é uma simplíssima peça para violão solo em homenagem ao estilo carioca de Ernesto Nazareth. O *nº 2*, obra de câmara para flauta e clarinete, apresenta um intenso lirismo. Para vozes e conjunto de câmara, o empolgante **Choros nº 3** (*Pica-Pau*) utiliza temas indígenas. Também camerístico, para três trompas e um trombone, o **Choros nº 4** recria com notável poesia o clima dos subúrbios do Rio de Janeiro. Retorna ao piano com o *nº 5* (*Alma Brasileira*), e o *nº 6*, um dos mais bem realizados, é construído a partir de temas tipicamente populares em uma ampla estrutura orquestral, oferecendo a paisagem multissonor brasileira. Com fúria stravinskyana, o **Choros nº 8** (*Choros da Dança*), para dois pianos e orquestra, sacudiu Paris na década de 1920 - utiliza uma grande orquestra virtuosa, reforçada por percussões brasileiras, que mostra todo o furor e a alegria do Carnaval do Rio. A obra revela-se uma das mais brilhantes, vivas e expressivas de toda a série. Também é monumental o **Choros nº 11**, para piano e orquestra, cuja escrita, complexa e clara, introduz momentos de languidez e de confidências instrumentais, em meio a passagens de força telúrica. O mais famoso da série é o **Choros nº 10** (*Rasga o Coração*), para orquestra e coro misto, uma síntese notável da arte e psicologia brasileiras. Corresponde a uma

das mais perfeitas realizações de Villa-Lobos e, sem dúvida, a peça sinfônica mais célebre do repertório brasileiro. Comentou ele sobre a obra: 'É a reação de um civilizado ante a natureza totalmente nua. O céu, a água, as florestas, os pássaros o fascinam. Mas há pessoas que vivem lá, mesmo que sejam apenas simples selvagens. Sua música é plena de nostalgia e amor, suas danças cheias de ritmos. O coração do Brasil bate em uníssono com a terra brasileira'.

Ainda que não seja a série musical mais importante de Villa-Lobos, as **Bachianas Brasileiras** correspondem às suas escritas mais famosas. Elas constituem um conjunto de obras singularmente variadas, quer pelo aspecto formal, quer pela disposição instrumental. Como o título sugere, a fonte de inspiração é Bach, compositor que Villa-Lobos considerava 'o manancial folclórico universal, o intermediário de todos os povos'. As *Nove Bachianas*, escritas entre 1930 e 1945, constituem uma experiência harmônica e contrapontística singular, e refletem a curiosa simbiose produzida entre dois campos musicais muito diferentes. A série inscreve-se no movimento neobarroco, que deixou marcas na música do século XX. Também corresponde a um momento em que a imaginação criadora de Villa-Lobos encontra-se mais distendida, depois da tensão 'modernista' da década de 1920. A **Bachianas nº 1**, para oito violoncelos, e dedicada a Pablo Casals, é uma obra-prima impecável em seu ímpeto e com uma sofisticada escrita; o seu famoso movimento lento, o *Prelúdio (Modinha)*, apresenta como pretexto uma melodia ampla em *lamentoso*, concluída por um violoncelo solo em pianíssimo. Para orquestra de câmara, a **Bachianas nº 2** é um dos mais coloridos painéis sinfônicos de Villa-Lobos, com temas curtos e efetivos. Sua *Toccata* concludente, *O Trenzinho do Caipira*, é uma encantadora peça descritiva em que se evocam as impressões de uma viagem nos pequenos trens que trafegavam do Rio ao interior do Estado. Apesar de ser uma obra de ritmos vivos e de melodias encantadoras, a **Bachianas nº 3**, para piano e orquestra, não é uma obra de primeira grandeza. A **Bachianas nº 4**, para grande orquestra, foi concebida originalmente para piano. Os seus andamentos mais notáveis são o segundo, um coral de aspecto religioso (*Canto do Sertão*), pontuado pelo agudo grito da araponga, e o último, o *Miudinho (Dança)*, de específico sabor popular e caráter dançante; próximo de seu final, a intervenção de um grave, à maneira de um órgão, evoca a sombra de Bach. A **Bachianas nº 5** é, certamente, a mais conhecida. Composta para soprano e orquestra de violoncelos, foi popularizada, sobretudo, pela lendária interpretação que Victoria de Los Angeles realizou da sua *Cantilena*. A primeira intérprete fora a não menos famosa soprano brasileira Bidu Sayão. O segundo andamento (*O Martelo*) foi inspirado em alguns cantos de pássaros do nordeste brasileiro. Para flauta e fagote, a **Bachianas nº 6** enquadra-se perfeitamente dentro ►

dos limites da música de câmara. O final é especialmente feliz, com uma modulação conclusiva de efeito sugestivo. A inspiração cai um pouco nas **Bachianas nºs 7 e 8**, mas retorna na **Bachianas nº 9**, de estilo polifônico, para orquestra, originalmente escrita para 'orquestra de vozes'. Ela apresenta apenas duas partes: um *Prelúdio*, vago e místico, de escrita extremamente despojada, e uma *Fuga*, de grande unidade temática e textura contrapontística refinada e rigorosa. As dificuldades de execução, particularmente rítmicas, são inúmeras. Esta obra, prodigiosamente rica em timbres, constitui um admirável epílogo para essa série de obras-primas que, por si só, bastariam para garantir a imortalidade de Villa-Lobos.

Em 1917, Villa-Lobos escreveu dois poemas sinfônicos (para bailado) - **Uirapuru**, uma das primeiras manifestações do gênio completo do compositor, que descreve a poesia misteriosa e imensa das selvas virgens do Brasil, revelando proximidade com os impressionistas franceses no estilo; e **Amazonas**, de inspiração menos cristalina que o anterior, sobre o qual Mario de Andrade comentou: 'É a obra mais integralmente violenta da música americana: o espírito de um mundo selvagem, em que a orquestra avança penosamente, derrubando árvores, tonalidades e tratados de composição'. Obra importante, de 1937, são as quatro suítes de **O Descobrimento do Brasil**, escritas para o filme do mesmo nome, de Humberto Mauro. O fio condutor é a carta de Pero Vaz de Caminha, membro da frota portuguesa que aportou no Brasil em 1500, relatando os acontecimentos da travessia do Atlântico e da descoberta de uma terra que os portugueses chamariam de 'Vera Cruz'. A mais famosa é a **Quarta (Procissão da Cruz e Primeira Missa do Brasil)**, a única que utiliza coro, e na qual Villa-Lobos consegue efeitos de grande eficácia, contrapondo textos em latim e em tupi-guarani, que mostram a choque de culturas no País recém-descoberto. Entre as obras sinfônicas mais tardias, encontram-se **Erosão** (1950), poema sinfônico que tenta representar a lenda da formação do vale do Amazonas (à custa do cataclismo sísmico dos Andes) até a criação do grande 'rio-mar'; **Gênesis** (1954), poema sinfônico e balé, em que a 'Criação' inicia-se como uma prolongada sombra profunda, com sonoridades indecisas, confusas e elementares, terminando em um crescendo final, no último resplandecer do sol; e **Floresta do Amazonas** (1958), suíte para orquestra, soprano e coro masculino, que se destaca pela qualidade de algumas canções, como a *Modinha*, uma das mais poéticas do compositor.

Villa-Lobos escreveu **12 Sinfonias** que, segundo Shostakovich, representam o legado mais vasto do que qualquer outro mestre contemporâneo possa ter produzido. As primeiras pertencem ao período em que ele ainda estava em busca de um estilo pessoal. O tema

da luta armada, com as suas vicissitudes, é encontrado nas **3ª, 4ª e 5ª Sinfonias (A Guerra, A Vitória e A Paz)**. Importante já é a **nº 6 (Montanhas do Brasil)**, em que ele se inspirou na cadeia de montanhas da Serra dos Órgãos, o que, na época, foi apontado como exemplo da sua 'falta de seriedade'. Admirada e considerada como obra definitiva é a **10ª Sinfonia (Sumé Pater Patrium)**, escrita para o IV Centenário da Cidade de São Paulo, sobre um texto de José de Anchieta. Com significação histórico-religiosa, ela é uma imensa obra coral sinfônica que amplia e aprofunda os painéis de *O Descobrimento do Brasil*. Em seu texto, são mescladas palavras em tupi, latim e português. 'Sumé' significa Deus em tupi. Assim, a tradução do título seria: 'Deus, Pai dos Pais'. Entre as obras concertantes, a mais conhecida é o **Concerto para Violão** (1951), que deve a sua singular cadência (formando a transição entre o segundo e terceiro movimentos) a uma amável reclamação de Andrés Segovia: 'Se a harpa', cujo concerto havia sido dedicado a Nicanor Zabaneta, 'mereceu uma *cadenza*, por que a não terá, também, o violão?'. Na realidade, o solista está maravilhosamente servido de virtuosismo em toda a obra, sem, em momento algum, perder de vista a lógica funcional. Villa-Lobos esmerou-se neste concerto para conseguir o mais perfeito equilíbrio das sonoridades da orquestra, com o objetivo de não ofuscar o timbre peculiar do violão. Nele, conseguiu realçar a singular beleza e o atraente ritmo do folclore. Impõem-se, também, à atenção do ouvinte: o **Concerto para Piano nº 5** (1954), dedicado à pianista Felicia Blumenthal, e que corresponde ao mais popular dos cinco concertos escritos, com ecos de Rachmaninov; e o **Momo Precoco** (1929), fantasia para piano e orquestra, dedicado à pianista Magda Tagliaferro. O título faz alusão ao 'Momo', rei do Carnaval; nessa obra, uma série de pequenos quadros evoca jogos e brinquedos de crianças fantasiadas, sob a forma de melodias populares e ingênuas, apresentadas sucessivamente pelo piano.

O conjunto impressionante dos **17 Quartetos de Cordas** de Villa-Lobos (um 18º estava sendo esboçado pouco antes de sua morte) representa, em sua somatória de experimentações e, por sua extensão no tempo, a parte dominante de sua obra de câmara. Não conhecê-los seria o mesmo que ignorar, em importância, as séries produzidas por Bartók e Shostakovich. Depois do **Quarteto nº 1**, de 1915, Villa-Lobos cultivou essa forma durante toda a sua vida, com alguns períodos de interrupção. Apesar de ser um admirador de Haydn, liberou-se, no entanto, das formas tradicionais utilizando a justaposição, as reprises variadas, os contrastes de tonalidades e de timbres. A linguagem dessas obras tornou-se ainda mais rica pela dissonância e diversidade polifônica que apresentam, colaborando com o desejo, enunciado pelo compositor, de 'simbolizar o sincretismo de todas as raças do Brasil'. Essa concepção multiforme se ►

alimenta de elementos perfeitamente naturais, e Villa-Lobos nunca se deixou levar, só para parecer moderno, por qualquer tipo de estetismo destrutivo. Nem todos os quartetos apresentam o mesmo valor, mas, em todos eles, o mestre brasileiro tem muito a dizer, até culminar nos três últimos, que, sem dúvida, se encontram à altura do melhor que se escreveu, nesse gênero, no século XX. Aquele nacionalismo 'um tanto suspeito' no campo do quarteto transformou-se em autêntica 'música pura' e, talvez, das mais belas que o Ocidente conheceu.

As mais célebres obras de câmara de Villa-Lobos fazem parte das coleções dos *Choros* e das *Bachianas*. Também, o *Trio para Oboé, Clarinete e Fagote* (1921) e o *Nonetto* (1923) são bem famosos. O *Trio* é uma das obras mais 'modernistas' e brasileiras do compositor - com extraordinária economia de meios, ele se desenvolve em motivos antes rítmicos do que melódicos; a graça e a beleza dos timbres de cada instrumento em nada subtraem a gravidade da atmosfera da música, nem triste, nem alegre, mas de comovedora profundidade telúrica. A verdadeira síntese do universo musical brasileiro, marcado por um estonteante virtuosismo, encontra-se no *Nonetto* (para um variado grupo instrumental e vocal), que é considerado uma das joias da produção musical de Villa-Lobos. O ritmo dessa obra se afirma no seu desenvolvimento elástico, livre e impetuoso, e na sutileza e agilidade do primitivismo dos acentos, até o momento em que as vozes, cantando sílabas e palavras indígenas, se unem aos instrumentos, em um extraordinário trecho conclusivo, de espontaneidade e dinamismo irresistíveis.

Toda a evolução da obra de Villa-Lobos foi acompanhada pelo piano. Para este instrumento escreveu grande quantidade de obras, inconfundíveis nos ritmos, harmonias, timbres, técnicas e efeitos sonoros. Ele tinha em sua primeira esposa, Lucília, uma excelente instrumentista, que podia dar vida ao que acabava de escrever. O interessante é que, sem ser ele mesmo um pianista competente, tenha produzido obras geniais para o instrumento. O compositor descobre-se a si mesmo, no que se refere ao piano, com as duas coleções de *A Prole do Bebê* (1918 e 1921). A popularidade da primeira coleção, que ainda revela algum parentesco com o universo do impressionismo, deve-se muito a Arthur Rubinstein. O grande virtuose polonês utilizou, durante muitos anos, a última destas oito peças, a *Polichinelo*, como ponto final dos seus recitais. A segunda série, mais autêntica, apresenta uma originalidade que não se esgota - nela há trechos, como o *Boizinho de Chumbo*, que já antecipam Piazzolla. Em 1925 e 1926, escreveu, respectivamente, as *Cirandinhas* (12 peças) e as *Cirandas* (16 peças), que apresentam como tema a infância e seus brinquedos, um importante retrato da psicologia

do compositor. A primeira composição pianística de transcendental envergadura foi o complexo *Rudepoema*, escrito entre 1921 e 1926, em que Villa-Lobos pretendeu fazer um retrato musical de Arthur Rubinstein, mas, na realidade, o retrato é muito mais do próprio autor. Trata-se de uma peça rica em colorações, com audácias de grandiosa sonoridade e virtuosismo. A música atmosférica de *Saudades das Selvas Brasileiras* (1927) mostra-se contrastante tanto pelo acentuado lirismo quanto pelos típicos *ostinatos* que Villa-Lobos costumava aplicar com um verdadeiro sentido de oportunidade. O *Guia Prático* (1932), uma coleção com nada menos que 60 peças, dividida em 11 volumes, e o subtítulo 'Estudo Folclórico Musical', representa, na verdade, um magnífico mostruário do cancionário brasileiro, embora, apareçam, esporadicamente, alusões a cantos cubanos, mexicanos, franceses e espanhóis. Villa-Lobos alcança a depuração completa de sua linguagem pianística nas quatro peças do *Ciclo Brasileiro* (1936), que mostram, como preocupação principal, a busca da nacionalidade: o *Plantio do Caboclo* expressa o símbolo de nossa miscigenação; *Impressões Seresteiras*, a apoteose da valsa brasileira; *Festa no Sertão* (peça com influência de Stravinsky), a descrição perfeita de um São João no Nordeste; e a *Dança do Índio Branco*, o retrato do autor, um louco abençoado que, junto com Oscar Niemeyer, Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade e Pelé, tornou-se um símbolo de brasilidade, um de nossos gênios do século XX.

Embora o violão não tenha sido o primeiro instrumento que Villa-Lobos estudou (precederam-no o violoncelo, o clarinete e o piano), ele era o seu preferido, por ser tipicamente brasileiro. Foi um grande improvisador e possuía uma técnica própria capaz de impressionar mesmo um virtuose como Segovia. Talvez, muito dos efeitos e grandes novidades que constituíram a sua grande contribuição para esse instrumento, no âmbito harmônico e rítmico, tenham nascido dessas improvisações poéticas. As obras-primas dessa produção são os *12 Estudos* e os *5 Prelúdios*. Sem paralelo na literatura violonística, os *Estudos*, escritos a pedido de Segovia, examinam os diferentes aspectos técnicos do instrumento, na sua maioria, de um alto grau de dificuldade, mas conservando sempre um potencial de musicalidade. Esboçados entre 1924 e 1929, em Paris, neles Villa-Lobos aspirava a realizar um trabalho equivalente ao que Paganini fez para o violino e Chopin ou Scarlatti para o piano. As fórmulas de execução em que se baseiam são bem perceptíveis para os seus intérpretes mais dotados, que as transformam em emocionantes, expressivas e penetrantes mensagens do mundo interior do compositor. Os *Prelúdios* (1940) correspondem a uma das mais transcendentais contribuições que foram incorporadas no repertório do violão, e se encontram mais próximos ao folclore, já ►

perfeitamente sintetizado e não simplesmente adaptado. Representam o resumo do estilo de Villa-Lobos no gênero e, também, um compêndio de sensibilidade brasileira. Nessas pequenas peças, ele soube acumular, com genial sentido de equilíbrio, a emoção intensa, a originalidade conceitual e a exploração dos recursos técnicos e possibilidades sonoras do violão. No gênero vocal encontram-se algumas das inspirações mais puras de Villa-Lobos. A série mais completa e importante da canção brasileira é a das **14 Serestas** (1925),

em que aparecem tanto melodias singelas (em *Modinha*) quanto de espírito modernista, nas quais o compositor trabalha textos de Manuel Bandeira e outros grandes poetas. Nessas peças, em alguns momentos, o acompanhamento do piano torna-se mais interessante que a linha do canto. Entre outras de suas canções mais inspiradas, encontram-se a *Canção do Poeta do Século XVIII*, a *Modinha* (de *Floresta do Amazonas*), o *Lundu da Marquesa dos Santos* e a série *Canções Típicas Brasileiras*. ■

DISCOGRAFIA SELECIONADA

- **Choros e Bachianas Brasileiras (Integrais) e Obras Completas para Violão:** Neschling / Minczuk / Miolin / Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo - Bis 1830 (7 CDs).

- **Choros:** Leaper / Canaris PO (**Choros de Câmara, nºs 1 a 7**) - ASV 1150 ou Kuarup 002 (primeira versão completa, realizada no Brasil) ou Eleazar de Carvalho / Orquestra Sinfônica da Paraíba (**Choros nº 8; Fantasia para Violoncelo e Orquestra e Orquestra; Uirapuru**) - Delos 1017 ou Schermerhorn / Hong Kong PO (**Choros nºs 8 e 9**) - Naxos 8.555241 ou Oramo / Gothóni / Finish RS (**Choros nº 11**) - Ondine 916-2.

- **Bachianas Brasileiras:** Schermerhorn / Lamosa / Fhegali / Nashville SO (**Integral**) - Naxos 8.557460-62 (3 CDs) ou Batiz / Hendricks / Ortiz / Romero / Royal PO (**Integral; + Momo Precoco e Concerto para Violão**) - EMI 84326 (3 CDs) ou The Pleeth Cello Octet / Gomez (**Bachianas nºs 1 e 5**) - Hyperion 66295 ou Tilson Thomas / Fleming / New World S (**Bachianas nºs 4, 5, 7 e 9; Choros nº 10**) - RCA 68358-2 ou López-Cobos / Cincinnati SO (**Bachianas nºs 2, 4 e 8**) - Telarc 80393.

- **Sinfonias:** Karabtshevsky / Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo - Naxos 8.573151 (**nºs 3 e 4**) e 8.573043 (**nºs 6 e 7**) ou Carl St. Clair / Radio-Sinfonieorchester Stuttgart des SWR (**Integral**) - CPO 75162 (7 CDs).

- **Gênesis. Erosão. Amazonas:** Duarte / Czecho-Slovak RSO - Marco Polo 8.223357.

- **O Descobrimento do Brasil (Suítes):** Duarte / Czecho-Slovak RSO - Marco Polo 8. 223551.

- **Rudepoema. Danças Características Africanas. Dança Frenética. Dança dos Mosquitos:** Duarte / Czecho-Slovak RSO - Marco Polo 8.223552.

- **Floresta do Amazonas:** Neschling / Korondy / Orquestra Sinfônica e Coro do Estado de São Paulo - Bis SACD 1660.

- **Concerto para Violão:** Bream / Previn / London SO (**+ Estudos e Prelúdios**) - RCA 61604-2 ou Williams / Barenboim / English CO - Sony 89753 ou Kraft / Ward / Northern CO - Naxos 8.550729.

- **Concertos para Piano (Integral):** Martínez / Ortiz / Royal PO - Decca 'Doble' 452617-2.

- **Quartetos para Cordas (Integral):** Quarteto Latinoamericano - Dorian 90904 (6 CDs) ou Danubius Quartet - Marco Polo (8. 223389/94 - 6 CDs).

- **Trio para Oboé, Clarinete e Fagote. Quinteto em Forma de Choros. Choros nº 2. Bachianas Brasileiras nº 6 etc.:** William Bennett and Friends - Hyperion 55057.

- **Nonetto:** The Brazilian Festival Orchestra / Schola Cantorum - Éli Records 150 ou Ricardo Rocha / Cia. Bachiana Brasileira (**+ Choros de Câmara e Sexteto Místico**) - Sociedade Musical Bachiana Brasileira 414961 (DVD - 'Quadros de uma Alma Brasileira', 2006).

- **Obras para Piano (Integral):** Sonia Rubinsky - Naxos 8.508013 (8 CDs) ou Anna-Stella Schic - Solstice 87/93 (7 CDs - France).

- **Obras para Piano:** Nelson Freire - Warner 'Apex' 08372-2 ou Miguel Proença - Biscoito Fino (Coletânea Piano Brasileiro - 2 CDs) ou Clara Sverner - Biscoito Fino 220.

- **Obras para Violão Solo (Integral):** Zanon - Nimbus 257629 ou Kraft - Naxos 8.553987 ou Assad - Kuarup (sem nº de catálogo).

- **Missa São Sebastião; Bendita Sabedoria e outras Obras Corais:** Best / McCornack / Corydon Singers and Orchestra - Hyperion 66638.

- **Canções:** Maria Lúcia Godoy / Abreu / Bocchino - Philips 518405-2 (CD ausente nos catálogos; encontrado somente em 'Sebos', na internet) ou Heller/ Scimonne - Etcetera 1139 ou Baldin / Solter - Bayer 100118 ou Quillevere / Lee / Erwartung Ensemble ('Views & Miniatures') - Opus 111 485924.



Heitor Villa-Lobos - Foto: Jack Harris/AP

HEITOR VILLA-LOBOS - A ALMA BRASILEIRA

XX Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br

LINHA DO TEMPO

1887 - Nasce Heitor Villa-Lobos, no Rio de Janeiro.

1891 - O Carnegie Hall é inaugurado em Nova York.

1905 - Villa-Lobos viaja pelo Nordeste do Brasil, onde tem profundo contato com a música e o folclore brasileiros.

1909 - O compositor russo Igor Stravinsky compõe o balé *O Pássaro de Fogo*.

1915 - Villa-Lobos estreia como compositor no Rio de Janeiro.

1918 - Falece o compositor francês Claude Debussy, em Paris. Nasce o compositor e maestro Leonard Bernstein, nos EUA.

1922 - Villa-Lobos participa da Semana de Arte Moderna de São Paulo, onde também são apresentadas obras de Claude

Debussy e Eric Satie.

1923 - Villa-Lobos viaja para Paris, onde promove apresentações de suas obras.

1930 - Villa-Lobos retorna ao Brasil onde passa a trabalhar na implantação do ensino de música e do Canto Orfeônico no País.

1937 - Pablo Picasso pinta seu famoso quadro *Guernica*. O compositor alemão Carl Orff compõe *Carmina Burana*. Falece o compositor norte-americano George Gershwin, em Los Angeles. O compositor russo Dmitri Shostakovich compõe sua *Quinta Sinfonia*.

1959 - Com a saúde debilitada por um câncer diagnosticado dez anos antes, Villa-Lobos falece no Rio de Janeiro, aos 72 anos.

COMPOSITOR

Heitor Villa-Lobos: nascido no bairro de Laranjeiras, na cidade do Rio de Janeiro, em março de 1887, filho da dona de casa Noêmia Villa-Lobos e do professor Raul Villa-Lobos, um funcionário da Biblioteca Nacional que era músico amador. Começou a aprender música e violoncelo com o pai, aos seis anos de idade. Sua casa era muito musical, recebendo artistas nas noites de sábado que ficavam tocando música até de madrugada, porém sua mãe não queria que ele se tornasse músico, e o jovem Heitor acabou por estudar música e praticar instrumentos escondido. Outra influência forte foi sua tia Fifinha, que lhe tocava o *Cravo Bem Temperado* de Johann Sebastian Bach - o gosto por Bach depois o faria compor as famosas nove *Bachianas Brasileiras*. Com a morte do pai deixando problemas financeiros, sua mãe passou a sustentar a família, e Heitor fugiu então de casa, aos 16 anos, para ter a liberdade de tocar com os músicos da noite carioca e os expoentes do choro. Logo passou a tocar, para se sustentar, em pequenas orquestras, em festas e bailes, e em teatros e cinemas. Após viajar pelo Brasil conhecendo o folclore, os instrumentos e as formas musicais regionais - com as quais depois temperaria suas obras - retornou ao Rio de Janeiro, onde foi estudar no Instituto Nacional de Música. Logo abandonou o curso e tornou-se principalmente autodidata. Depois de trabalhar como violoncelista e maestro, estreia como compositor em 1915, com uma série de concertos no Rio de Janeiro. Foi um compositor muito prolífico, chegando a compor, estima-se, perto de mil obras em sua vida. Depois, em 1922, apresentou sua música na famosa Semana de Arte Moderna no Theatro Municipal de São Paulo. Em 1923, passa um ano em Paris promovendo sua música e, depois, em 1927, retorna à capital francesa, onde publicou obras e organizou concertos. Porém, mesmo com a fama adquirida na Europa, as dificuldades financeiras persistiram, e Villa-Lobos retorna ao Brasil onde, como educador, em 1930, começa a trabalhar em um plano de educação musical para a Secretaria de Educação do Estado de



São Paulo e, dois anos depois, no Rio de Janeiro, onde organiza e dirige a Superintendência de Educação Musical e Artística, com o ensino de música nas escolas e a criação do Canto Orfeônico. Depois, com o apoio do presidente Getúlio Vargas, chega a reunir mais de 40 mil estudantes em estádios de futebol em concentrações de Canto Orfeônico. Em 1944, por indicação do amigo maestro Leopold Stokowski, aceita fazer a primeira de várias apresentações de suas obras nos Estados Unidos. Na década de 1940, sua saúde começa a se debilitar, com o aparecimento de uma hérnia e, depois, em 1948, um câncer atacou-lhe a próstata e os rins - porém, Villa-Lobos continuou a compor e promover concertos. Faleceu em 17 de novembro de 1959, aos 71 anos, no Rio de Janeiro, onde está enterrado no Cemitério São João Batista.

CURIOSIDADES

- De acordo com as últimas normas ortográficas, o nome de pessoas famosas falecidas deve ter a grafia atualizada. O nome 'Villa' deveria então ser grafado com um 'L' só.

- Quando Villa-Lobos tinha seis anos de idade, seu pai Raul começou a dar aulas de música ao filho, que incluíam uma viola adaptada como um minivioloncelo, onde o compositor começou a aprender o

instrumento. Depois, aos 11 anos, ainda com o pai, aprendeu também o clarinete. Mais tarde, seu gosto pela música popular brasileira o tornou um virtuose ao violão, ao qual ele se dedicou a aprender escondido da família.

- O apelido de família do jovem Villa-Lobos era Tuhú, uma onomatopeia do apito de uma locomotiva de trem.

CURIOSIDADES

- Após a morte prematura de seu pai, deixando a família com problemas financeiros, a mãe de Villa-Lobos, acostumada a ser dona de casa, passou a engomar as toalhas e os guardanapos da famosa Confeitaria Colombo no Rio de Janeiro, para sustentar seus oito filhos.

- Entediado pela música formal, considerada por ele como banal em sua maioria, quando era bem jovem, Villa-Lobos desenvolveu um interesse tanto por Johann Sebastian Bach como por música caipira, duas coisas que ele considerava diferentes e incomuns.

- Aos 16 anos Villa-Lobos fugiu de casa, passando a conviver com famosos chorões como Anacleto de Medeiros e Zé do Cavaquinho.

- Depois de sua estreia como compositor no Rio de Janeiro em 1915, que recebeu críticas ferrenhas contra as inovações de sua obra, para sobreviver, Villa-Lobos tocava violoncelo em orquestras mambembes de teatros de cinemas do Rio. O grande pianista polonês Arthur Rubinstein, em visita ao Rio, conseguiu encontrar Villa-Lobos tocando no intervalo de filmes mudos no Cine Odeon, mas foi rechaçado pelo compositor, que disse que Rubinstein não iria compreender sua obra. No dia seguinte, porém, Villa-Lobos - apaziguado - foi com outros músicos ao hotel onde estava Rubinstein e tocaram várias de suas composições para ele. Rubinstein acabou sendo um dos maiores divulgadores da obra de Villa-Lobos no mundo.

- Em 1919, ao participar de um concerto na Argentina, seu *Quarteto de Cordas nº 2* causou um furor que chegou a garantir uma notoriedade mundial a Villa-Lobos.

- Durante a Semana de Arte Moderna de 1922, a obra de Villa-Lobos foi vaiada pela plateia do Theatro Municipal de São Paulo, assim como também foi a música de Claude Debussy e de Eric Satie.

- Em 1924, Villa-Lobos retornou de seu primeiro período morando em Paris. O poeta Manuel Bandeira saudou-o, dizendo: 'Villa-Lobos acaba de chegar de Paris. Quem chega de Paris espera-se que chegue cheio de Paris. Entretanto, Villa-Lobos chegou cheio de Villa-Lobos'.

- Muito carismático, Villa-Lobos oferecia sua casa como ponto de encontro de artistas e músicos - inclusive para uma famosa feijoada - tanto quando morava no Brasil como quando morou em Paris.

- A obra com tempero nacionalista de Villa-Lobos encantou o público francês, mostrando a eles a natureza, a fauna e a flora brasileiras.

- Um dos mais famosos episódios da vida de Villa-Lobos ocorreu na França, em 1929, onde ele declarou para a imprensa que havia sido sequestrado por índios canibais no Brasil e só escapou de virar janta por causa de sua música. Uma francesa, então, perguntou-lhe se os brasileiros ainda eram antropófagos, no que ele respondeu não só que sim, mas que também seus pratos preferidos eram criancinhas francesas.

- Na década de 1930, Villa-Lobos ajudou na implantação do ensino de música obrigatório no Brasil, desenvolvendo guias práticos e livros para a matéria, centrando no uso do coral e do chamado Canto Orfeônico, que chegou a ter apresentações com mais de 40 mil estudantes cantando em estádios de futebol, chamadas de *Exortações Cívicas Villa-Lobos*.

- Na década de 1930, Villa-Lobos gerou polêmica ao criticar professores de música, emissoras de rádio e o futebol brasileiro.

- Quase todas as sinfonias de Villa-Lobos chegaram a ser consideradas como obras sem consistência orquestral.

- Quando viajou o Brasil, ainda jovem, Villa-Lobos teve contato com a música caipira, as modas de viola e o choro das ruas do Rio de Janeiro, apaixonando-se pela música brasileira e, depois, incorporando essas linguagens às suas composições - como em seus *14 Choros*, entre outras. Diz-se que foi dessas viagens que ele tirou inspiração para o nacionalismo de suas composições, retratando a exuberância da natureza e do povo brasileiro. Porém, alguns estudiosos afirmam que muitos de seus famosos 'causos', que teriam sido testemunhados por Villa-Lobos em suas viagens, eram na verdade apropriados por ele de seu cunhado, que havia trabalhado para o Projeto Rondon.

- Sempre com a criatividade acesa, Villa-Lobos anotava suas ideias musicais onde estivesse, rabiscando até em guardanapos de restaurantes. Depois transcrevia suas obras, mas não costumava revisá-las.

- Villa-Lobos costumava dizer que suas obras são '(...) como cartas que escrevi à posteridade, sem esperar resposta'.

- Dizia-se que Villa-Lobos conseguia compor, conversar e ouvir rádio ao mesmo tempo, um dom que ele chamava de 'ouvido profundo'.

- Em 1986, Villa-Lobos teve seu rosto impresso nas notas de 500 Cruzados.

- Em 1999, *Villa-Lobos e a Apoteose Brasileira* foi o tema de Carnaval da escola de samba Mocidade Independente de Padre Miguel, do Rio de Janeiro.

- Villa-Lobos já foi personagem de televisão e cinema em pelo menos três filmes, como em 2000, quando foi interpretado por Antonio Fagundes em *Villa-Lobos - Uma Vida de Paixão*.

- O aniversário de 119 anos de Villa-Lobos, em 5 de março de 2006, virou o Dia da Música Clássica na cidade do Rio de Janeiro, por decreto do então prefeito César Maia. A homenagem foi estendida a todo o Estado do Rio de Janeiro, no ano seguinte, pelo governador Sérgio Cabral.

CAIXA ESPECIAL VILLA-LOBOS



Confira o mais novo lançamento da OSESP, em parceria com a Naxos e Movieplay, em comemoração ao encerramento das gravações da integral *Sinfonias de Villa-Lobos*. Foram sete anos de trabalho, que incluiu resgate e revisão das partituras, ensaios e gravação para o lançamento em CD.

Heitor VILLA-LOBOS - Sinfonia nº1 e 2



Um método característico de construção sinfônica já está aqui em operação: o ornamentado acorde inicial dá a largada para motivos principais e um ostinato, que provavelmente veio da imaginação do compositor, mas que "registra" em nossos ouvidos como ritmo folclórico, serve de pano de fundo a uma sucessão de novas ideias, reunidas em grupos temáticos bem delineados, que alternam contemplação, lirismo e atividade frenética.

OUÇA TRINTA SEGUNDOS DE CADA FAIXA, DO NOVO CD HEITOR VILLA-LOBOS, SINFONIAS Nº 1 E 2:

- ▶ Faixa 01
- ▶ Faixa 02
- ▶ Faixa 03
- ▶ Faixa 04
- ▶ Faixa 05
- ▶ Faixa 06
- ▶ Faixa 07
- ▶ Faixa 08

www.movieplay.com.br
movieplay@movieplay.com.br

f /movieplaydigital
t @movieplaybrasil
m "movieplaydigital"

(11) 3115-6833

movieplay
DIGITAL MUSIC

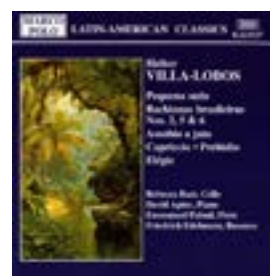
Já disponível nas melhores lojas do Brasil.



HEITOR VILLA-LOBOS - A ALMA BRASILEIRA - VOL. 16

XX Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br

A seleção deste mês, do carioca Heitor Villa-Lobos, que é provavelmente o maior nome da música erudita brasileira, foi feita habilmente pelo nosso editor Fernando Andrette, mostrando aproximadamente 40 anos da carreira dele, abrangendo obras compostas entre 1913, em um período pouco antes da estreia de Villa-Lobos como compositor para o público carioca, e 1953, quando já estava sofrendo do câncer que o levaria seis anos depois. É a obra de uma vida, da primeira até a última maturidade de um grande artista.



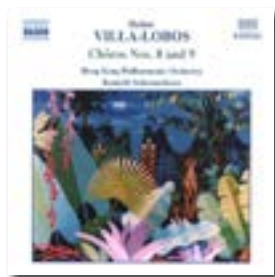
FAIXA 1 - HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959) - PEQUENA SUÍTE: I. ROMANCETTE: MOLTO LENTO (1913) - (MARCO POLO 8.223527, FAIXA 1)

Inspirada pela admiração de Villa-Lobos pelo violoncelo e, especificamente, pelo compositor e violoncelista tcheco David Popper, demonstra a segurança técnica que o compositor já tinha à época. Foi a primeira composição publicada de Villa-Lobos, composta para violoncelo e piano, que ainda não mostra a conciliação da tradição musical europeia com a influência brasileira, algo que depois viria ser latente em sua obra.



FAIXA 2 - HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959) - CHOROS Nº 1 (1920) - (NAXOS 8.550226, FAIXA 15)

Aos 16 anos de idade, Villa-Lobos saiu de casa e passou a conviver com músicos da noite carioca, como o chorão Anacleto de Medeiros. A sofisticação e a virtuosidade do choro, que mistura instrumentos de origem europeia com alguns de origem africana, viriam a ser parte integrante da formação musical do compositor, tanto que algumas de suas obras mais famosas são seus 14 *Choros*, compostos entre 1920 e 1929, para diferentes conjuntos de músicos. O primeiro dos *Choros*, de 1920, composto para violão solo, é hoje parte integral do repertório do instrumento no mundo inteiro.



FAIXA 3 - HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959) - CHOROS Nº 8 (1925) - (NAXOS 8.555241, FAIXA 1)

Composto em 1925, antes dos *Choros* 4 e 6, o *Choros* nº 8 é uma das obras mais complexas de todo o ciclo. É uma obra para grande orquestra, dois pianos e uma seção completa de instrumentos

de percussão brasileiros, evocando o Carnaval carioca. Villa-Lobos começou a obra quando estava em Paris, mas finalizou-a quando retornou ao Rio de Janeiro.



FAIXA 4 - HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959) - BACHIANAS BRASILEIRAS Nº 2 PARA ORQUESTRA DE CÂMARA - IV. TOCCATA: O TREZINHO DO CAIPIRA (1930) - (NAXOS 8.557460-62, FAIXA 7, CD 1)

Segunda de uma série de nove obras compostas entre 1930 e 1945, inicialmente concebida para orquestra de câmara foi, depois, adaptada também para violoncelo e piano. As *Bachianas* buscavam unir o estilo de Johann Sebastian Bach com a música brasileira, ou uma tentativa de livre adaptação de harmonias e contrapontos barrocos à música brasileira. A *Bachiana* número 2 é composta de quatro movimentos, sendo que o quarto, intitulado *O Trezinho do Caipira* é, quase certo, a obra mais conhecida de Villa-Lobos, onde a orquestra imita o movimento e os ruídos de uma locomotiva de trem a vapor, comum no interior do Brasil da época. No ano de sua autoria, Villa-Lobos apresentou sua versão para violoncelo e piano, mas a versão orquestral somente estreou em 1934, no Festival Internacional de Veneza, sob a regência do maestro grego Dimitri Mitropoulos.



FAIXA 5 - HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959) - DESCOBRIMENTO DO BRASIL - SUÍTE Nº 2 - ADAGIO SENTIMENTAL (1938) - (MARCO POLO 8.223551, FAIXA 4)

DISCOGRAFIA

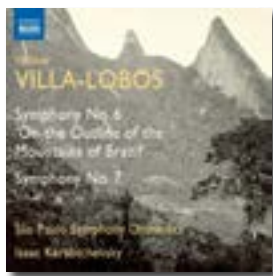
23
ANOS
AMAG

Em uma fase especialmente nacionalista, no primeiro governo do presidente Getúlio Vargas foi incentivado o cinema sobre temas brasileiros. Nesse cenário, o diretor de documentários Humberto Mauro convidou Villa-Lobos para fazer a trilha sonora de seu filme *Descobrimento do Brasil*, sobre a travessia da frota de Pedro Álvares Cabral até a chegada ao Brasil. A estreia do filme foi em 6 de dezembro de 1937. No ano seguinte, o compositor rearranjou toda a música que havia sido composta para o filme em quatro suítes para orquestra, enriquecidas por instrumentos de percussão típicos brasileiros.



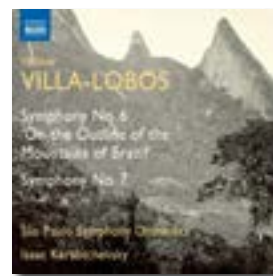
FAIXA 6 - HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959) - BACHIANAS BRASILEIRAS Nº 4 PARA ORQUESTRA - PRELÚDIO: INTRODUÇÃO (1942) - (NAXOS 8.557460-62, FAIXA 1, CD 2)

Introdução à quarta das nove *Bachianas*, composta inicialmente para piano em 1939 foi, em 1942, totalmente orquestrada pelo próprio compositor. O movimento *Prelúdio* foi dedicado por Villa-Lobos ao pianista e professor de piano espanhol Tomás Terán.



FAIXA 7 - HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959) - SINFONIA Nº 6 'SOBRE A LINHA DAS MONTANHAS' - IV. ALLEGRO (1944) - (NAXOS 8.573043, FAIXA 4)

A obra de Villa-Lobos é por vezes vista como mormente nacionalista, porém, boa parte dela ficaria desconhecida se fôssemos defini-la apenas com esse rótulo. Sobre o formato de sinfonia, o compositor definiu-o como música superior ou intelectual, 'música pela música'. Entre suas primeiras quatro sinfonias - e mais a perdida *Quinta Sinfonia* - e a *Sexta Sinfonia* aqui apresentada, há um intervalo de 24 anos. Com o subtítulo '*Sobre a Linha das Montanhas*', a madura *Sexta Sinfonia* de Villa-Lobos usa o singular processo chamado de 'milimetrização', criado para o estímulo criativo das crianças, onde a melodia é obtida a partir de uma imagem, com um papel quadriculado transparente onde as linhas verticais designavam as alturas e as horizontais das durações - esse gabarito era posto em cima de uma imagem, e de seu contorno surgia a melodia.



FAIXA 8 - HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959) - SINFONIA Nº 7 - III. SCHERZO: ALLEGRO NON TROPPO (1945) - (NAXOS 8.573043, FAIXA 7)

Villa-Lobos considerava a sua *Sétima Sinfonia* como uma de suas melhores obras. Foi composta para um concurso de composição promovido pela Sinfônica de Detroit, dos EUA, mas não arrebanhou prêmio algum. Por curiosidade, o segundo lugar desse mesmo concurso foi dado a uma sinfonia de Camargo Guarnieri dedicada a Villa-Lobos. A *Sétima Sinfonia* foi composta para uma grande orquestra, com número de músicos duplicado, piano, duas harpas e ampla percussão. Sua estreia foi em 1949, com o próprio Villa-Lobos regendo a Sinfônica de Londres. ►



FAIXA 9 - HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959) - HOMMAGE À CHOPIN - A LA BALADA (1949) - (NAXOS 8.554489, FAIXA 26)

Encomendada a Villa-Lobos pela UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, estreou em Paris em 3 de outubro de 1949, na Salle Gaveau, junto com uma série de outras peças encomendadas a outros compositores com um mesmo propósito: comemorar o aniversário da morte do compositor e pianista francês Frédéric Chopin. Dos dois movimentos da obra, o *A La Balada* é o que melhor evoca o estilo do compositor francês.



FAIXA 10 - HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959) - ALVORADA NA FLORESTA TROPICAL (1953) - (MARCO POLO 8.223357, FAIXA 4)

Encomendada a Villa-Lobos pela Orquestra de Louisville, do Estado de Kentucky, nos EUA, e pelo seu fundador e regente Robert Whitney, a abertura *Alvorada na Floresta Tropical* é uma peça lírica e clássica em sua forma, porém, com o uso de escalas ameríndias, trazendo sons de pássaros tropicais e danças exóticas. Estreou em 1953 sob a batuta de Robert Whitney. ■



PROMOÇÃO CD HISTÓRIA DA MÚSICA SINFÔNICA HEITOR VILLA-LOBOS - A ALMA BRASILEIRA - VOL. 16

A Editora AVMAG disponibilizará também para você esse mês, que não adquiriu na época de lançamento, este CD para quem enviar um e-mail para:

- revista@clubedoaudio.com.br -

O leitor apenas terá de pagar o frete + embalagem de Sedex.

NÃO PERCA ESSA OPORTUNIDADE!! - promoção válida até o término do estoque.

OUÇA UM MINUTO DE CADA FAIXA DO CD HISTÓRIA DA MÚSICA - HEITOR VILLA-LOBOS - A ALMA BRASILEIRA - VOL. 16:

- ▶ Faixa 01
- ▶ Faixa 02
- ▶ Faixa 03
- ▶ Faixa 04

- ▶ Faixa 05
- ▶ Faixa 06
- ▶ Faixa 07
- ▶ Faixa 08

- ▶ Faixa 09
- ▶ Faixa 10



UMA OBRA PRIMA!

Uma fina garoa descia sobre o Vale do Anhangabaú, fazendo-nos apressar os passos rumo ao Theatro Municipal. O aglomerado de pessoas na escadaria nos dava toda a certeza de casa lotada, e uma noite inesquecível. As pessoas estampavam em seus rostos uma alegria contagiante, de confraternização, por ali estarem e assistirem ao show de lançamento da turnê do disco Milagre dos Peixes, de Milton Nascimento, acompanhado do Som Imaginário e orquestra. Sabíamos que seria uma noite de gala!

Estamos falando de 1974, e eu tinha apenas 16 anos e estava, pela primeira, vez indo assistir a um show de música instrumental brasileira. Sim, meu amigo, estamos falando do auge da censura no Brasil, em que 8 das 11 faixas do disco foram censuradas. E mesmo assim, o Milton Nascimento fez questão de lançar o disco com versões só instrumentais e com belíssimos arranjos do Vagner Tiso, que fazem deste disco um dos mais importantes de sua carreira.

A revista Rolling Stone o considera entre os 100 melhores discos brasileiros de todos os tempos. E eu o considero obrigatório para quem deseja conhecer a fundo a carreira deste excepcional músico. Sua gravadora, a EMI/Odeon, ao saber da censura de 8 das 11 músicas, propôs ao Milton fazer um outro disco. Ele bateu o pé e assumiu os riscos. O disco só consolidou ainda mais sua carreira, pois a censura, indiretamente, o ajudou a realizar o seu trabalho mais experimental, o que permitiu ao Milton explorar sua voz como um instrumento, e conquistar ainda mais prestígio no cenário internacional.

Minha lembrança mais forte daquela noite foi o silêncio e o respeito do público. Parecia que estávamos assistindo a um concerto de música clássica! Todos ali reunidos para ouvir um cantor de voz sublime a nos mostrar que não havia censura capaz de impedir aquela apresentação. Hoje, repassando as centenas de shows ao vivo que

vi, este tem um lugar especial em minha memória. Lembro-me vagamente dos rostos que meus olhos cruzaram, mas lembro perfeitamente da comoção coletiva ao final de cada música, traduzida em minutos de palmas, antes do teatro se recompor e voltar a estar em silêncio absoluto. Diria que foi uma noite de comunhão, regada à mais bela música. Todo este relato foi apenas uma introdução ao título deste texto.

Tive a honra de conhecer e produzir um dos mais geniais músicos brasileiros, o multi-instrumentista, cantor e compositor André Mehmari, e desde o lançamento de *Lacrimae* pela nossa gravadora em 2003, nos tornamos amigos. Daqueles amigos que quase não se vêem, mas que estão sempre presentes quando solicitados. Já falei em nossas resenhas de diversos discos gravados e produzidos por ele, em uma carreira cada vez mais consagrada, e utilizo na nossa metodologia algumas de suas gravações pela captação maravilhosa e seu bom gosto estético e musical.

No final de maio ele me mandou uma mensagem falando do seu mais novo disco: *Na Esquina do Clube Com o Sol na Cabeça*. Não precisava nem dizer que se tratava de um tributo à obra de Milton Nascimento, com este título, rs.

Disse que teria o maior interesse em ouvir e compartilhar com o nosso leitor. Porém, ouvir cada novo trabalho do Mehmari requer alguns cuidados, pois você sempre será pego emocionalmente. E sabendo desse risco, ao chegar o CD, deixei-o por alguns dias na prateleira de gravações à escutar (tenho esta prateleira tanto para discos como para livros, e as pendências ficam sempre no meu campo de visão quando sento na sala para trabalhar).

Uma noite depois de jantar, fui para a última tarefa do dia: realizar o ajuste de posição da caixa Dynaudio Evoke 50, para iniciar a bateria de testes. E resolvi escutar o CD. A introdução de *Tudo que Você Podia Ser/Trem Azul* me remeteu instantaneamente àquela noite no show Milagre dos Peixes, e a partir desta introdução sabia perfeitamente a catarse que faria daquele instante até ao final do disco.

Sons, cheiros, vultos, a iluminação do palco daquela noite, e a voz poderosa do Milton, me fizeram voltar no tempo e rever aquele garoto de 16 anos cheio de sonhos, que não tinha a menor ideia do que viria a ser sua vida nos restantes 44 anos. Dizer que é um disco especial para uma discografia tão excepcional como a do André Mehmari, parece redundante demais. Mas algo merece ser dito: é um disco que todos que amam a discografia de Milton Nascimento precisam ouvir.

E tenho certeza que, como eu, serão levados a abrir sua memória para uma visita a um passado que, ainda que adormecido, está bem vivo e presente no coração de todos que viveram intensamente aqueles anos loucos e dourados. O trio composto por André ao piano, Neymar Dias no contrabaixo (acústico e elétrico) e o Sérgio Reze na bateria e gongos melódicos, está tocando por osmose!

São raros os trios que conseguem esta sintonia tão fina e delicada. Tenho certeza que cada um de vocês que conhecem a obra do Milton, irá se identificar com alguma das 11 faixas (se não se identificarem com todas, como foi o meu caso).

E você, amigo leitor, que ainda é muito jovem e não viveu este período tão fértil e tão criativo da música brasileira, mas deseja entender o que seus pais ou irmãos mais velhos viveram, ouçam este disco e poderão ter um vislumbre da qualidade da música produzida no século passado.

Uma obra prima que o trio do André Mehmari nos presenteia, e que nos faz acreditar realmente que os sonhos não envelhecem! ■

DIRETOR / EDITOR

Fernando Andrette

COLABORADORES

Antônio Condurú

Clement Zular

Guilherme Petrochi

Henrique Bozzo Neto

Jean Rothman

Juan Lourenço

Julio Takara

Marcel Rabinovich

Omar Castellan

RCEA * REVISOR CRÍTICO

DE EQUIPAMENTO DE ÁUDIO

Christian Pruks

Fernando Andrette

Rodrigo Moraes

Victor Mirol

CONSULTOR TÉCNICO

Victor Mirol

TRADUÇÃO

Eronides Ferreira

AGÊNCIA E PROJETO GRÁFICO

WCJr Design

www.wcjrdesign.com

Áudio Vídeo Magazine é uma publicação mensal, produzida pela EDITORA AVMAG ME. Redação, Administração e Publicidade, EDITORA AVMAG ME. Cx. Postal: 76.301 - CEP: 02330-970 - (11) 5041.1415 www.clubedoaudioevideo.com.br

Todos os direitos reservados. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista.

EDITORA
AVMAG

ESPAÇO ABERTO



Fernando Andrette

fernando@clubedoaudio.com.br

Fundador e atual editor / diretor das revistas Áudio Vi-deo Magazine e Musician Magazine. É organizador do Hi-End Show (anteriormente Hi-Fi Show) e idealizador da metodologia de testes da revista. Ministra cursos de Percepção Auditiva, produz gravações audiófilas e presta consultoria para o mercado.

OUÇA 30 SEGUNDOS DE CADA FAIXA DO CD NA
ESQUINA DO CLUBE COM O SOL NA CABEÇA:

- ▶ Faixa 01
- ▶ Faixa 02
- ▶ Faixa 03
- ▶ Faixa 04
- ▶ Faixa 05
- ▶ Faixa 06
- ▶ Faixa 07
- ▶ Faixa 08
- ▶ Faixa 09
- ▶ Faixa 10



Para quem deseja extrair o melhor do seu sistema analógico.

A AAM presta consultorias em áudio e é especializada em instalação e ajustes de equipamentos analógicos - toca-discos e gravadores open reel.

andremaltese@yahoo.com.br - (11) 99611.2257

SEU ENTRETENIMENTO GARANTIDO COM A UPSAI



Condicionador



Condicionador
Estabilizado



Módulo
Isolador



Imagens ilustrativas

criação: msdesigner@hotmail.com

 @upsai.official
www.upsai.com.br

vendas@upsai.com.br
11 - 2606.4100





VENDAS E TROCAS



VENDO

Vendo em ótimo estado

Caixa de Som Selenium S151A USB Ativo - 200W RMS

- Potência: 200W RMS. - Woofer: 15" mais Driver de Titânio1.- Controles: Mic, Line, Master, EQ de 5 bandas, USB.

- Conexões: USB, Mic In P10 e XLR, Paralelo XLR Macho e Fêmea, Line In RCA, Line Out P10 e XLR Macho.

- Possui alça lateral para transporte, encaixe inferior para pedestal, chave seletora de voltagem: 127V ou 220V.

- Dimensões (L x A x P): 50 x 72 x 37 cm.

- Acompanha: Cabo de Força.

Sem bluetooth e sem manual

Preço R\$ 900,00

daianne@clubedoaudio.com.br

(11) 99534-6065



VENDO / TROCO

- Cápsula Clearaudio Stradivari V2.

Trata-se da última versão desse modelo, com corpo em ébano, agulha HD e bobina totalmente simétrica em ouro 24 kt. Sua saída é de 0.6 mV, O que torna ela compatível virtualmente com todos os prês de Phono MC. A cápsula não possui ainda 50 horas de uso. Está realmente em estado de nova e sempre foi tocada utilizando discos limpos em máquina especial. US\$ 3.750.

Conforme o material, posso aceitar troca. Posso também combinar a instalação com o cliente.

- DAC Gryphon Kalliope.

Em estado de novo, na caixa. Um dos mais acalmados DACs da Atualidade. Conversão 32bit/384KHz assíncrono baseado no conversor ESS SABRE ES9018. Conversão DSD e PCM até 32bit/384 KHz. Controle de fase, mute, seleção de entradas e seleção de filtro digital via controle remoto. R\$ 52.000

André A. Maltese - AAM

(11) 99611.2257



VENDO

Toca discos J.A. Michell GYRO SE

MKII, com: 01 J.A. Michell Armboard

(base) para braços Rega, 01 J.A. Michell

3 Point VTA Adjuster, 01 J.A. Michell

Record Clamp, 01 J.A. Michell

De-Coupler Kit (desacoplador do braço),

01 J.A. Michell HR DC Never

Connected Power Suply (bivolt), 01

braço Rega RB 303 com contrapeso

original, 01 contrapeso de braço

Isokinetic Isoweight Off Centre,

01 cápsula MC Ortofon Rondo Blue.

Uma obra de arte sonora e de design.

R\$ 20.000.

Rodrigo Moraes

rodrigopomarico@gmail.com



VENDO

1. Amplificador Parasound A 21, semi-novo, em excelente estado. R\$ 8.500.

2. Set de válvulas casados e calibradas pela Air Tight, para os monoblocos ATM-3. Lacradas e sem nenhum uso. R\$ 4.000 (o pacote completo para os monoblocos).

Fernando Andrette

fernando@clubedoaudio.com.br

1.



2.



VENDO

Toca-discos REGA P3 (Planar 3), com braço original Rega RB330.

Pouquíssimo uso, comprado novo há menos de 1 ano! Acompanha a caixa original e o manual.

Sobre o toca-discos:

O Planar 3 (P3) possui um novo braço, base e muitas outras revisões em relação à versão anterior (RP3).

Isso resultou em performance sonora marcante, além de ficar muito mais bonito. Ele tem apenas duas peças do RP3 anterior, o resto é tudo novo!

Especificações:

- novo braço RB330
- nova base de vidro Optiwhite 12 mm
- reforço de feixe mais espesso
- acabamento acrílico de alto brilho em preto ou branco
- subplastro redesenhado
- carcaça de rolamento principal redesenhada
- motor de 24V com novo PCB de controle de motor
- pode ser feito upgrade com o controlador de velocidade externo TT-PSU
- pés redesenhados
- contrapeso redesenhado

"Não é difícil perceber que o desenvolvimento de dois anos da Planar 3 valeu a pena. Para os nossos ouvidos, ele soa consideravelmente mais limpo e claro do que seu antecessor - o RP3. Há mais transparência aqui e mais resolução de detalhes também." (Whathifi)
<https://www.whathifi.com/rega/planar-3-elys-2/review#J5ecLu4iSB5r71Zu.99>

Obs: Não inclui a cápsula (Transfiguration Phoenix S)

Valor: R\$ 4.500

Samy

(11) 98181.8585
waitzberg@gmail.com



VENDO

Cápsula Transfiguration Phoenix S

Motivo da venda: por ser tão boa, vou fazer o upgrade para o modelo topo da marca, a Proteus. Mesmo custando uma fração do valor da Proteus, a Phoenix é muito, muito próxima de sua "irmã mais velha" - uma barganha se compararmos performance X custo. A agulha é exatamente a mesma (Ogura PA) montada no mesmo cantiléver de boro.

Trata-se de uma cápsula de bobina móvel (MC) de baixa saída (~0.4mV) e com 4 Ohms de impedância interna. Casa perfeitamente com a grande maioria dos prês de Phono MC. Na casa de um amigo - que também comprou essa cápsula por minha indicação - casou magnificamente bem com o setor de Phono interno do integrado Luxman L-590AX, com 100 ohm de impedância. A Phoenix S possui uma transparência única, excelente foco e recorte, muita velocidade e muita musicalidade. Assinatura Transfiguration. Muito mais próxima da Proteus do que diferença de preço possa indicar, acredite. Possui cerca de 150 horas de uso, sempre usada em toca-discos extremamente bem ajustado e sempre com discos limpos por meio de máquina com sucção a vácuo.

- Acompanha a caixa, manual e o conjunto de parafusos originais.

O valor pedido (US\$ 3.000) está bem abaixo do valor dessa cápsula, que é de US\$ 4.500 nos EUA. Faça os cálculos (frete, impostos, riscos).

Valor: R\$ 11.500

<https://www.soundstageultra.com/index.php/equipment-menu/500-transfiguration-phoenix-s-phono-cartridge>

Samy

(11) 98181.8585
waitzberg@gmail.com

VENDAS E TROCAS



VENDO

Sistema de som Grimm Audio LS1 -
sem a primeira via, (sub-woofer).

R\$70.000

Fernando Alvim Richard

Tel.: (21) 9.9898.0566

coneaudio.far@gmail.com

fernando@coneaudio.com.br



Calibração de TVs e Projetores

Quer ver aquela imagem de Cinema em sua casa?

Comprou a TV dos seus sonhos e está decepcionado com a imagem de fábrica? Foi ao cinema e está se perguntando por que a qualidade da imagem é muito melhor?

Faça uma calibração profissional de video e deixe sua TV ou projetor nos mesmos padrões dos estúdios de cinema! Assista seus filmes preferidos com cores mais vibrantes e naturais, menor fadiga visual, muito mais contraste e percepção de detalhes. Afinal, sua imagem também merece ser hi-end.

NAO CALIBRADO



CALIBRADO



Mais informações (11) 98311.8811
e agendamentos: jlrot2020@gmail.com



Yamaha Turntable MusicCast VINYL 500



Ouçe seus discos de vinil em qualquer lugar de sua casa através do Yamaha Turntable MusicCast VINYL 500. Distribua por todos os cômodos as músicas de sua coleção de discos. Compartilhando com um ambiente diferente – externo, com seus amigos, ou na cozinha.

MusicCast VINYL 500 é uma nova maneira de desfrutar discos de vinil. Através de sua rede Wi-Fi conecte todos os equipamentos Yamaha compatíveis com MusicCast à partir de um simples aplicativo, com a mais alta qualidade sonora, aliando tecnologia e estilo.

www.yamaha.com.br



audio research

H I G H D E F I N I T I O N

Reference 160 M

Vacuum tube Monaural power amplifier



Agora no Brasil

DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

german
Audio
www.germanaudio.com.br